



a *Liáhona*

MAIO DE 1964



CONFÔRTO DE CARRO - ÚNICO COM SUSPENSÃO DIANTEIRA INDEPENDENTE!

NÔVO PICK-UP

CHEVROLET

o mais moderno e possante já construído no Brasil!

Dá gôsto passear num pick-up tão confortável e bonito como um automóvel... possante e robusto como um pick-up deve ser! Assim é o nôvo pick-up CHEVROLET, agora 14 cm mais baixo! Único com troca de óleo do motor em apenas cada 6.000 km; nova cabina mais ampla, vedada e isolada contra calor, frio, ruídos e poeira; estofamento em espuma; 6 novas côres; pedais do freio e embreagem suspensos; pára-brisa e vigia traseira panorâmicos; bateria em nova posição, facilita o exame; os estribos foram eliminados; caçamba mais ampla; tampa do cofre de abertura total; freios com maior ação de frenagem e cilindro-mestre montado no painel dianteiro. Famoso motor CHEVROLET de 142 HP! Nôvo e robusto chassi super-resistente, especialmente desenhado.



PRODUTO DA GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

Compre o seu pick-up Chevrolet no Concessionário autorizado de sua cidade



índice

A mãe é para o lar	6
Sociedade de Socorro — Auxiliar do Sacerdócio	24
Boa propaganda e divulgação do Livro de Mórmon	26
Não julgueis	28

ARTIGO ESPECIAL

Capela de Bambu	30
-----------------------	----

SEÇÕES

Jóias do pensamento	3
Editorial	4
Juventude da Promessa	9
Sacerdócio nas missões	16
Jesus, o Cristo	18
Mensagem dos Mestres Visitantes	26
Poesia	31

a liahona

MAIO DE 1964

VOL. XVIII — N.º 5

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Editôres

Finn B. Paulsen
Wayne M. Beck

Redatora

Díva Ferreira

Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

Circulação

Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO US\$ 4,00
No Brasil: ANO ... Cr\$ 500,00
Exemplar: Cr\$ 50,00

Maio de 1964

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:
80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Registrado sob N.º 93 do Livro B,
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Im-
pressoras Jornais e Periódicos, con-
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.
Composto e impresso na Edit. Gráf.
Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333,
S. Paulo.

Jóias do Pensamento

A EMOÇÃO E O PESAR

RICHARD L. EVANS

Anteriormente já falamos do fato de que a "vida continua acontecendo" e que cada dia tem sua própria duração e implica várias decisões que podem ser excessivamente difíceis. Em certo sentido, não há decisões que não sejam importantes, pois mesmo as mais simples indicam caráter e julgamento. Qualquer expressão de preferência pode indicar muito mais do que, às vezes, supomos. Disse John de la Bruyere: "Um homem revela seu caráter mesmo nas coisas mais simples que faz." (Jean de la Bruyere, *Les Caracteres*, ii.)

Naturalmente, as decisões básicas — que envolvem princípios, mandamentos, consciência — é que orientam a vida. Às vezes há o paradoxo de encontrarmos todos parecendo estar ocupados e ainda com dificuldade de saber como usar melhor o tempo; vemos a grande diversidade de coisas para fazer e ainda uma incansável busca do que fazer; mais velocidade que antes, mas um maior desejo de poder empregar mais velocidade; existe mais para escolher e ainda algumas más escolhas são feitas — escolhas que muitas vezes exigem retificações precipitadas.

Há decisões de indiferença; decisões de orgulho, de bravura e arrôjo; decisões que põem em risco muito por tão pouco, colocando em perigo os valores sempiternos.

O que fazemos com a vida, aqui e agora, determina a direção eterna. Havendo recebido a vida, a mente e maravilhosas faculdades físicas, temos uma solene confiança em escolher como viver. E quando nos defrontamos com as decisões que põem em risco aquilo que é mais precioso e irreparável, devemos profunda e sinceramente parar e ponderar a respeito de nossa conduta, e perguntar a nós mesmos se é exatamente isso que queremos, se de fato vale o preço que deve ser pago; ou, em sentido negativo, se merece o pesar.

Quando as decisões precisam ser tomadas às escondidas, raramente, se é que é possível, pode ser dito que a emoção do momento valeu a vida inteira de pesar. Nas atividades e alegrias do verão e mesmo nas atividades de todas as estações, é sábio parar, ponderar, considerar, olhar para o amanhã, para o momento subsequente, para o próximo verão, para a próxima estação; pensar tanto no presente como no futuro distante, e em todos os valores eternos da vida; e no risco físico, no risco financeiro, risco moral, ou na indiferença, de qualquer tipo e nunca esquecer o que está na outra ponta, porque sempre — e isto nunca deve ser esquecido — a emoção não vale o pesar. (A Palavra Proferida, apresentada pelo KSL e Columbia Broadcasting System, em 28 de julho de 1963.)



A palavra jejum é usada para significar uma auto-repressão com referência à ingestão de alimento. Historiadores contam-nos que o costume de jejuar data desde os primórdios da raça humana. Conjeturam que foi inicialmente praticado em virtude da salutar influência que tem na saúde e também por causa do aumento de poder que tão voluntária abstinência dá ao espírito quando os apetites puramente físicos do corpo são mantidos sob sujeição. Pode estar mais perto da verdade dizer que o jejum se originou quando o Senhor primeiro revelou ao homem o plano do evangelho, portanto datando mesmo de antes da lei de Moisés, quando foi prescrito um dia de jejum anual. (Lev. 23:27-29.)

Associado com esta prática da Igreja de Jesus Cristo do Santos dos Últimos Dias está o oferecimento de um jejum, cujo propósito e benefícios fazem da observação mensal do dia de jejum um dos fatores mais significativos deste trabalho dos últimos dias. Há nesta prática, primeiro, toda a elevação espiritual que resulta de um desejo cristão de servir ao próximo e, segundo, um meio econômico que, quando levado avante por uma organização perfeita e ativa, suprirá as necessidades de toda pessoa pobre digna pertencente aos ramos organizados da Igreja.

Todos os princípios relacionados com o jejum parecem indicar o fato que ele produz:

1. benefícios físicos;
2. atividade intelectual;
3. força espiritual, que é o maior dos benefícios.

Esta maravilhosa força espiritual deriva da sujeição dos apetites físicos à vontade individual. "Aquêle que reina em si mesmo, e governa suas paixões, desejos e receios, é mais que um rei."

Na vida eterna como no auto-domínio, não há coisa mais importante para o homem obter; mas há muitas pequenas coisas por cuja observação pode ser alcançado o auto-contrôle; e a sujeição de um apetite à vontade e a recusa de satisfazer a certos desejos são duas dessas pequenas coisas. Foi com êste pensamento em mente, isto é, ganhar força espiritual que William James, psicologista, fez esta sugestão: "Faça todos os dias alguma coisa que você não gosta de fazer".

Se não houvesse outra virtude em jejuar, apenas o ganho de força de caráter, sòzinha seria esta uma justificação suficiente para sua universal aceitação.

O jejum regularmente observado consiste de abstinência de alimento uma vez por mês, isto é, significa perder duas refeições no primeiro domingo de cada mês. O valor daquelas duas refeições dado como uma dotação voluntária para socorro daqueles que estão famintos, ou em dificuldade, constitui a oferta de jejum. Pense no que a sincera observação desta regra poderia significar espiri-

O Jejum e a Igreja

EDITORIAL POR PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

tualmente se cada homem, mulher e criança observasse o jejum e contribuísse com a oferta alçada, com o desejo sincero de abençoar o irmão menos afortunado, irmã ou criança desamparada.

É êsse o desejo do Senhor. Dizem que o povo não gosta de caridade. Mas êste plano não deve ser administrado como caridade e sim como plano de cooperação adotado para o benefício de todos.

Será que você não pode ver associado a todos os atos o princípio divino de dedicação como expressado nas palavras de Mateus: "...Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mat. 25:40)?

É uma demonstração prática do poder de Deus com referência à salvação física e não apenas uma idéia inexperimentada, porque você e eu como membros da Igreja restaurada sabemos que na realidade esta prática pode ser levada a efeito.

É requerido que os membros da Igreja jejuem nesse dia, assistindo as reuniões, particularmente a reunião de testemunhos e, de acôrdo com a revelação de Deus, dêem suas oblações, rendam seus sacramentos e ofereçam suas orações a Deus. É pedido que contribuamos efetivamente com o montante daquelas duas refeições para o benefício dos pobres que fazem parte de nosso grupo e são dignos. Não há uma quantia estipulada; cada

um dá voluntariamente o que acredita sinceramente que deve dar.

Se contribuirmos com nossas ofertas de jejum uma vez por mês, certamente não ficaremos financeiramente mais pobres do que se tivéssemos consumido aquelas refeições como regularmente fazemos. Não pode haver qualquer perda no orçamento financeiro de nossa família, e daremos o mínimo para aliviar a fome e talvez as dificuldades em algum lar que é menos afortunado, menos abençoado que o nosso. Nós não perdemos financeiramente. Nenhum homem é pobre, nenhum é desprovido de bênçãos, nenhuma criança é desprovida de qualquer coisa que poderia ter tido se não desse aquela pequena contribuição.

Sabemos que nenhuma pessoa é injuriada por se abster das duas refeições no dia de jejum, mas, ao contrário, é fisicamente beneficiada; ganha maior poder espiritual para sobrepujar as tentações que enfrenta na vida; e, mais importante, pratica a mais pura essência de nossa religião. O verdadeiro espírito de Cristo manifesta-se nessa pequena oferta.

Ensinem as crianças a dominar seu apetite. Ensinem-nas, não rudemente, mas com delicadeza, com o Espírito do Senhor, e vocês descobrirão que na infância estas pequenas lições de abstinência e obediência estarão diária e inconscientemente colocando em seu espírito tôdas as grandes e maravilhosas bênçãos que estão reservadas aos membros fiéis da Igreja.

Nosso finado e querido líder, Henry D. Moyle, em seu vigoroso sermão da conferência geral de abril de 1963, declarou em palavras sinceras:

"Eu creio de todo o coração e alma que a solução de nossos problemas nesta terra, hoje e amanhã, será encontrada no reconhecimento e avaliação das relações do homem com Deus, sua dependência daquela divindade e sua inteira obediência às leis que dela promanam.

"Não existe absolutamente nada de tanto valor para o homem como o conhecimento de Deus."

Quando eu era criança, tínhamos quadradinhos decorativos em nossas paredes, com dizeres inspiradores. Um deles, de que me lembro especialmente, dizia: "Que é o lar sem a mãe?" Na infância, toda vez que entrava em casa eu ia chamando "mami", "mami", até encontrá-la. Totalmente satisfeito com a segurança que sua presença proporcionava, voltava correndo para brincar. Só para verificar que ela estava lá! Era só isso.

Quando contava 11 anos, mamãe faleceu e em meu coração dorido chamei muitas vezes "mami", quando entrava em casa, mas respondiam apenas ecos vazios. Mais tarde o vácuo foi preenchido, quando uma nova mãe deu colorido ao nosso lar, e outra vez, durante minha juventude, eu chamei e encontrei segurança na abençoada resposta: "Estou aqui, meu filho."

Era a mesma casa de tijolos vermelhos em dias de segurança e em dias de desolação; a mesma despensa repleta, a mesma estufa de madeira, o mesmo tanque, a mesma salinha com seu tapete de retalhos e o mesmo relógio antigo, vendo escoar-se as horas, dias e anos; mas havia lá estabilidade, segurança e paz, pois Mamãe estava lá, e a casa respirava aconchêgo.

No Dia do Trabalho, 2.000 jovens convergiram para a pequena cidade de veraneio de Seaside, em Oregon, repetindo a devastação do ano anterior, quebrando vidraças, derrubando sinais de trânsito e anúncios de lojas, o que exigiu 100 policiais além da Guarda Nacional para pôr paradeiro ao tumulto.

E fiquei imaginando quantos desses 2.000 lares de que provinham eram normais, com uma mãe em casa que pudesse responder: "Sim, meu bem, estou aqui."

Novamente temos notícia de 30.000 adolescentes criando tumulto numa praia da Califórnia, enchendo

com areia canecas de cerveja e garrafas e atirando-a aos policiais; meninos despindo garotas, abusos sexuais comuns e sem embuços. E calculamos quantos desses 30.000 pais estavam fornecendo carros e dinheiro a esses filhos para veraneiar; para cerveja e brutalidades; e quem pagou a gasolina e as multas? E ficamos a imaginar quantas dessas 30.000 mães estavam formando lares e quantas estavam ganhando dinheiro. Como podem as mães justificar seu abandono do lar quando são tão necessárias a seus rebentos? Devem fazer uso de racionalização ao justificarem-se por permanecer fora, deixando o lar e os filhos.

Naturalmente, existem *algumas* mães que *precisam* trabalhar fora para sustentar os filhos, mas que cada mãe que tem uma profissão analise honestamente a questão e certifique-se de que o Senhor o aprova, antes de encaminhar seus nenês a uma creche, seus filhos para a escola, o marido para o trabalho e ela própria para o emprêgo. Que ela esteja certa de não estar racionalizando seu afastamento dos filhos apenas para prover-se de mais coisas materiais. Que ela examine bem o assunto antes de permitir que seus preciosos filhinhos cheguem a uma casa vazia e solitária, chamando em vão pelo nome de sua mãe.

Não sabem essas mães ausentes, e pais que lhes dão consentimento, que atitudes básicas para com os padrões, a moralidade, a Igreja e Deus são desenvolvidos no círculo da família e estabelecem-se quando os filhos são ainda bem crianças?

Já foi dito: "Dê-me uma criança até os sete anos e então faça com ela o que quiser." Esses primeiros anos são tão vitais!

O Senhor disse: "Meus cordeiros ouvem a minha voz..." (João 10:27.) Assim também atendem os pequeninos à voz de sua mãe. A empregada, a vizinha, a irmã, a avó, podem vestir, banhar e alimentar a criança, mas ninguém pode tomar o lugar da mãe. Verificamos êste fato com a história do menino de seis anos que perdeu-se de sua mãe num grande supermercado e começou a chamar, desesperadamente: "Marta, Marta".

Quando a mãe foi encontrada e eles se reuniram, ela o repreendeu: "Meu bem, você não deve chamar-me Marta. Eu sou 'mamãe' para você."

A MÃE É PARA O LAR

Pelo Élder Spencer W. Kimball - do Conselho dos Doze - Palestra apresentada na

Ao que o pequenino replicou: "Sim, eu sei, mas a loja estava cheia de mães e eu queria a minha."

Crianças necessitam segurança, amor e a sensação de serem desejadas.

Certa vez, indo a uma conferência em cidade distante, cheguei com várias horas de antecedência. O presidente da estaca esperou-me no aeroporto e levou-me para sua casa e, tendo coisas importantes para concluir, desculpou-se e voltou a seu trabalho. Estando à vontade na casa, espalhei meus papéis na mesa da cosinha e principiei a trabalhar. A dona da casa estava no andar de cima, costurando. No meio da tarde, alguém entrou abruptamente pela porta da rua e um garotinho apareceu correndo, surpreso por me encontrar, mas nós logo ficamos amigos. Depois êle foi de quarto em quarto, chamando, "Mamãe", e ela respondeu lá de cima: "O que é, querido?" "Ah, nada", respondeu o garoto e foi lá fora brincar.

Pouco depois outra voz veio da porta da frente, chamando "Mamãe", "Mamãe". Êle pôs os livros sôbre a mesa e explorou a casa até que a resposta afirmativa veio lá de cima novamente: "Estou aqui, querido." E o segundo também ficou satisfeito e disse "OK", saindo para brincar. Uma meia hora depois a porta abriu-se novamente, deixando passar uma adolescente que guardou os livros e chamou: "Mamãe". E a resposta do andar superior, "Sim, querida", pareceu satisfazê-la e

a senhorita travou contato comigo e então principiou a praticar sua lição de piano. Nenhum dos três tinha subido a escada.

Ainda outra voz chamou mais tarde, "Mamãe", enquanto uma mocinha se desfazia de pesada pilha de livros. E de nôvo a doce resposta: "Estou aqui em cima costurando, meu bem", pareceu dar-lhe segurança. Apresentou-se a mim e então subiu ao encontro de sua mãe, para contar-lhe os eventos do dia. Lar! Mãe! Segurança! Só para saber se a mamãe estava em casa. Tudo o mais, então, estava bem.

Uma criança está feliz se se sente querida e desejada por seus pais. Ela precisa sentir que seus pais estarão lá, especialmente em uma crise.

Essa mãe, também, poderia ter tido um emprêgo. Seus filhos também poderiam usar mais coisas compradas com seu salário. Ela poderia, da mesma forma que outras, ter racionalizado que dois salários dariam a seus filhos mais vantagens, mais passeios, viagens e férias, mais roupas, presentes e luxo. Mas esta mãe sabia bem que uma criança precisa mais dos cuidados da mãe do que de tôdas as coisas que o dinheiro, pode comprar.

A "Revista dos Pais" diz: "A sensação de segurança é a condição e base da boa saúde mental.

A maioria das mulheres casadas de mais de 35 anos que trabalham fora, fazem-no, não porque suas famílias realmente necessitem do dinheiro, mas a fim de manterem

Conferência Geral Anual de Outubro de 1963



um padrão materialmente elevado de vida, livrarem-se de certos trabalhos caseiros e viver, como supõem, um tipo de vida mais rica e interessante.”

Um famoso juiz relacionou as causas da delinqüência juvenil:

Primeiro, brinquedos destrutivos e jogos, tais como revólveres e outros símbolos de violência. Segundo, *mães que trabalham fora*; e, terceiro, pais que *trabalham dois turnos*, ausentando-se de casa exceto quando dormem e comem.

Sua longa lista de causas terminava assim: Falta de treino religioso e disciplina no lar e nas escolas e falta de amor no lar. Estas são afirmativas do Juiz Jacob M. Braude, da “Circuit Court” do Condado de Cook (Chicago), Illinois.

Essas falhas eram inerentes dos pais, mas quem realmente as sofria eram as crianças.

Vinte e quatro milhões de mulheres nos Estados Unidos trabalham fora do lar, constituindo a terça parte dos trabalhadores do país, e 80% delas possuem maridos vivos.

Em 1890, apenas 5,5% das espô-sas abaixo de 35 anos que viviam com seus maridos estavam trabalhando. Por volta de 1957, era de 27,7% a percentagem, mas agora atinge a cêrca de um terço das espô-sas de 18 a 24 anos.

Entre as mulheres com emprêgos contam-se mais ou menos oito milhões de mulheres com filhos de menos de 12 anos. Meditem nisto: num cálculo aproximado, de doze a quinze milhões de crianças encontram-se sem sua mãe nos momentos cruciais! E, dêsse total, cêrca de 400.000 crianças de menos de doze anos cuidam-se sôzinhas enquanto suas mães trabalham. Isto significa que, neste país, uma criança, de cada cinco com idade entre onze e doze anos, fica sem cuidados enquanto sua mãe está fora trabalhando!

É impressionante! Aproximadamente um terço de tôdas as nossas jovens mães, entre 18 e 24 anos, estão quebrando a lei de Deus, não tendo filhos ou tendo-os e negligenciando os indefesos pequeninos.

O Presidente McKay disse certa vez: “Quanto mais a mulher procurar assemelhar-se ao homem, menos êle a respeitará. A civilização, por sua vez, enfraquece na medida em que diminui a estima do homem pela mulher.”

Sabemos por estatísticas que a idade média em que a mulher está cessando de ter filhos é a de 26 anos; e, no entanto, nesses anos vitais, quase um terço delas está trabalhando fora do lar. Quando tal fato é verificado, que podemos esperar de sua prole no futuro?

Pode ser perfeita a mãe que logo cedo apressa-se em preparar tudo para o dia inteiro, inclusive a si mesma, e então retorna cansada, após um árduo dia de trabalho, para um marido que teve um dia difícil e filhos cheios de problemas, a fim de então cuidar da casa, limpando, cozinhando e lavando e tentando ainda solver alguns compromissos sociais?

De tais lares surgem muitos conflitos, problemas conjugais e divórcios, além de delinqüentes juvenis. Poucas pessoas atribuem seus conflitos conjugais a estas causas primeiras, mas culpam-se mutuamente pelos problemas que nasceram e foram nutridos no ambiente de tensão. Por certo as relações harmoniosas de pai e mãe e o clima emocional prevalescente entre êles confere segurança e equilíbrio aos filhos.

A Presidente Belle S. Spafford, falando a seu mundo de mães da Sociedade de Socorro, disse:

“Os filhos devem ser queridos com os maiores laços de afeição; ... Nenhum esforço deve ser demasiado, nenhum sacrifício excessivo para protegê-los do mal e preservá-los em retidão ... O amor e a santidade do lar devem ser sempre zelosamente resguardados...”

E fala ainda das obrigações da mãe: “...tornar tudo o mais, na vida, condicionado ao bem-estar de nossos lares e famílias.

“Sempre, na Igreja, as pessoas têm sido admoestadas a casarem-se na Casa do Senhor, para assim estabelecer lares, tendo e criando seus filhos em retidão.”

Brigham Young disse:

“O chamado da mulher e mãe... é (unir) sua prole a si com um amor mais forte que a morte, para uma herança eterna e permanente...” (“Discourses of Brigham Young”, p. 198.)

Nesta cidade, o crime está aumentando três vezes mais rapidamente que aumentou na nação durante 1962, disse um jornal de Salt Lake. E o crime nos passados cinco anos cresceu quatro vezes mais depressa que

a população, sendo registrados, nos Estados Unidos, quatro crimes por minuto no cronômetro do crime.

Diz-nos uma autoridade: “Quanto mais os pais aprovam-se mutuamente, mais serão bem-vindos para êles os filhos, — sendo o fator mais importante no desenvolvimento da criança o clima emocional prevalescente no lar, entre seus pais.”

Lições de música e dança, acampamentos e belas roupas, serão justificados quando representam o sacrifício do lar e da mãe no altar do trabalho remunerado?

Uma garota disse: “Eu não quero realmente ir para um acampamento. Preferia ficar em casa com mamãe, mas ela não está em casa para ficar comigo!” Estaremos enaltecendo as atividades fora do lar para nossos filhos, quando êles deveriam estar em casa ajudando, ou mesmo trabalhando êles próprios?

Ausências da mãe vêm freqüentemente conjugadas com uma juventude indolente, delinqüente. Quando lemos reportagens das recentes incursões de milhares de jovens em idade ginásial e colegial e de suas invasões em massa em cidades de veraneio, admiramo-nos novamente de que lhes seja permitido tanto lazer que se aborream. O lar é monótono, portanto, refugiam-se êles em destruição e imoralidades.

Disse um juiz: “A loucura dêsse feriados constitui a maior atração imaginável para jovens que pouco têm a fazer... Nunca temos problemas com jovens que têm interesses reais, passatempos legítimos ou com os que são verdadeiros atletas.”

A geração indolente! Horas e horas em cada dia e nada para se fazer. É sábado, e nada a fazer. Três longos meses de férias escolares e nada a fazer. Não se encontrou ainda mais verdadeiro adágio que êste: “O cérebro desocupado é a oficina do diabo.”

Outro juiz declarou que “há jovens demais vadiando. Os pais não fazem seus filhos trabalhar, e isto os conduz a complicações... existe um número alarmante de jovens americanos sem trabalho... e grande é a indolência entre aquêles que são trazidos a mim...”

Êle não está falando do pálido, arquejante menino, trabalhando doze horas por dia numa mina de cobre,

(continua na pág. 15)



HARMONIA

Harmonia é requisito de beleza,
de maturidade,
de delicadeza,
de elegância,
de perfeição.

Estar em harmonia com o evangelho
é partilhar
da

Juventude da Promessa

As Chaves da Harmonia

MARION D. HANKS

Você já observou um conceituado violinista que esteja para principiar um concêrto ou uma apresentação em reunião da igreja? Mesmo que tenha afinado seu instrumento com antecedência, se fôr um bom violinista, no último momento irá passar o arco pelas cordas novamente, assegurando-se de que o violino está afinado.

Já lhe ocorreu por que o músico faz isto? Por vêzes alguns criticam, comentando mesmo alto “por que não o afinou antes de chegar”. Ele afinou! Mas o violino é instrumento tão sensitivo que qualquer pequena alteração de circunstâncias — um choque, o toque de u’a mão quente, uma mudança de temperatura — pode alterar o delicado equilíbrio de suas cordas, tornando a *consonância* em *dissonância*. Um agradável e harmonioso equilíbrio de tons pode tornar-se em desagradável e chocante *desarmônia* devido apenas a algum pequeno incidente ou distúrbio.

Sêres humanos são como violinos. Nós também somos sensíveis e influenciados pelas condições que nos rodeiam. Um equilíbrio sadio e feliz pode ser alterado por um pequeno incidente ou ocorrência desagradável. A harmonia pode tornar-se em discórdia devido a um pequeno “choque” ou “mudança de temperatura”.

Os violinos são afinados girando-se uma chave que altera ligeiramente a tensão das cordas assim modificando e corrigindo o tom.

As pessoas têm uma forma de entrar em consonância também. Podemos fazê-lo através de oração, estudo e meditação. Mesmo que tenhamos sintonizado pouco tempo antes, é bom lembrar que precisamos *permanecer* sintonizados e para tanto devemos fazer verificações com regularidade. E isto é especialmente verdadeiro quando vamos fazer algo a serviço de Deus e de nossos semelhantes. Eis porque Nefi disse a seus amados irmãos: “...deveis orar sempre e não desanimar; e nada deveis fazer com respeito ao Senhor sem antes orar ao Pai, em nome de Cristo, para que Ele consagre vossa ação...” (2 Nefi 32:9.)

Sintonize-se e assim permaneça sempre.



Juventude em Harmonia

"MEU PRESIDENTE"

O Presidente do Ramo
É um homem de valor;
Servindo a tanta gente,
Tem tempo ao meu dispor.
É o pai de seu rebanho,
Juiz sôbre cada irmão;
Procura ajudar-nos todos
A obter exaltação.
O Senhor está com Ele,
Ninguém o irá negar —
É fácil reconhecê-lo
No brilho de seu olhar.
Sua espiritualidade
Conforta nas horas más;
Depois de ouvir seu conselho
Nossa alma fica em paz.
Caminha em solo firme
Com asas no coração —
Seu grande anseio consiste
Em dar-nos inspiração.

POR BETH MCNEILL (18 ANOS)
ALA BLUEWATER — ALBUQUERQUE

TRÊS DESEJOS

Guia-me sempre, Senhor, através o vasto mundo
E ajuda-me a brilhar por um viver mais fecundo.

Guia os passos que hoje ensaio, todos êles, cada dia,
Pra que sigam os caminhos que Teu filho difundia.

Faz-me ser uma garota de atitude exemplar;
Que, se eu passasse por ela, pudesse admirar.

Atende, Pai, meus desejos, estas minhas petições,
Pra que eu possa neste mundo aprender Tuas lições.

POR MARGARET ANN "PEGGY" OLSON (18 ANOS) MURRAY HIGH SCHOOL

REFLEXÕES

Humana ponte vamos hoje construir
E' enlaçar nos abismos do passado
A mão de um nosso irmão extraviado,
Para ao aprisco o reconduzir.
Devolvamos a espôsa e mãe querida
Aos braços do espôso bem-amado,
Reunindo-os num jubiloso brado
À prole de há muito já perdida.
Mão sôbre mão, com força poderosa,
Agrupemos a família sem demora,
Pois muito perto pode estar a hora
Em que uma chamada imperiosa
Nos abra os portões da eternidade —
E sem êles não há felicidade.

POR ELAINE STIRLAND MCKAY

Toca outra vez, tu que fizeste a vida,
Toca outra vez e dá-me nova vida.
Dize em segrêdo "Acredita e Ouve";
Dize em segrêdo "Sabe que Eu existo."
Abre meus olhos pra que O possa ver,
Abre meus olhos pra compreender.

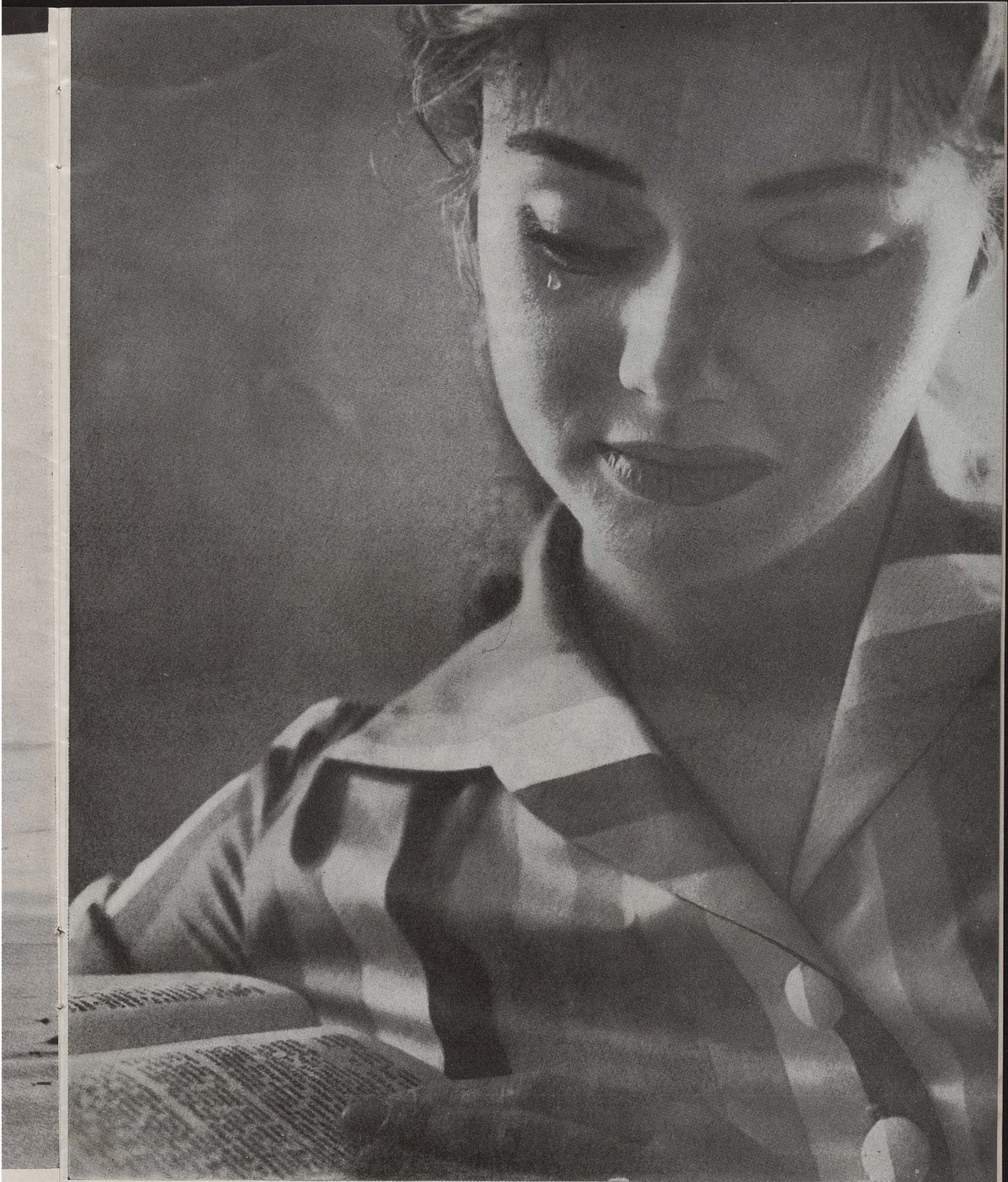
Não deixes que eu me perca, ó Pai,
Nas malhas e embustes de Satã,
Que roubará e me fará curvar
Aos têrmos de uma vida inferior.
Não deixes que me extravie
Na maré dos descuidos e ardores;
Não me deixes afundar, ó Senhor meu,
E guia-me a lugar seguro.

Toca outra vez, Salvador da humanidade,
Toca outra vez e manda teu Espírito;
Dize a mim: "Tu hoje me pertences",
Dize a mim: "Vem tu e segue-Me."
Abre então meus olhos para te encontrar,
Abre meus olhos ante o teu altar.

POR HELEN FREE PRO VO, UTAH



Estar em harmonia é ...admirar o milagre da vida,



... é ler e perceber significados ignotos em páginas muito lidas



... e despertar para a fantástica maravilha de servir o próximo.

A MÃE É PARA O LAR

(continuação da pág. 8)

mas do adolescente sadio que flana por aí enquanto seus pais, que o adoram cegamente, trabalham duro para poder sustentá-lo.

É estúpido esperar que um jovem enérgico e exuberante viva normalmente, quando tem muito tempo só para si, inclusive três meses de indolência nas férias de verão.

Citando novamente o juiz:

“Quando vejo adolescentes do que considero uma idade apta para o trabalho, flanando por aí em parques de estacionamento ou sorveterias, bancos de praça ou praias, rodando pela rua em carros ou agrupados nas ruas e esquinas a qualquer hora do dia ou da noite, fico admirado de sua capacidade de manter-se fora de complicações, como habitualmente o fazem... indolência é um fator primário na maioria dos casos de mau comportamento juvenil...”

E continua: “Considero os pais da maioria dos jovens capazes de ter emprego que permanecem desempregados como pessoas fracas, excessivamente protetoras e indulgentes. Ambos, ele e sua esposa, trabalham para prover a seus filhos as doçuras da vida que já agora consideram necessidades. Todos os confortos do lar, mais carro e mesada...”

Esse tipo de pai sempre aceita cegamente a queixa do júnior: “Não consigo achar emprego.”

“Não pode encontrar emprego! Ora, júnior, tenho algumas novidades para você! Estamos em dias de facilidades. Uma inteira geração que os antecedeu enfrentou os dias da depressão, quando não havia empregos, mas nós os encontrávamos de qualquer jeito. Não eram bons empregos, mas eram empregos. Havia sempre empregos — mesquinhos, desagradáveis, extenuantes. E muitos deles não pagavam grande coisa, e eram duros, pouco desejáveis, e queriam muitas e muitas horas.”

Alguns juizes dão a adolescentes presos um “ultimatum”: achar um emprego dentro de um mês ou ir para a cadeia; e eles invariavelmente encontram o que fazer. Se a alternativa for convincentemente desagradável, o júnior acha um emprego.

Existem naturalmente os que clamam já não existir empregos sufi-

cientes e que o cargo ocupado por um adolescente é um cargo que não poderá ser ocupado por um chefe de família. Mas o juiz responde-lhes assim: “Que as esposas saiam das fábricas, voltando ao lar de onde não deveriam ter saído, para... cozinhar, costurar, cuidar da casa e executar o trabalho tradicional das mulheres. Isto construiria, para elas e para sua prole negligenciada, um mundo muito melhor.”

Se alguns milhões de mães que se empregam, as quais não necessitam realmente trabalhar, voltassem a suas famílias, haveria emprego para homens atualmente desempregados e ocupações de horário parcial e integral para os adolescentes, que deveriam auxiliar nas finanças familiares e que necessitam dar vasão a sua abundante energia.

Quantos filhos, hoje em dia, contribuem para a manutenção da família? Os pais permitem que seus filhos desperdicem o tempo. “Não acho emprego”, dizem eles. Como, se aquilo de que o mundo mais necessita é de braços para o trabalho! Teremos mimado nossos filhos, pagando-lhes por cada esforço? “O que vamos fazer”, dizem eles. “Onde podemos ir?” Escutem, jovens, vão para casa. Arregacem as mangas. Lavem e encerem, façam faxina, pintem paredes, móveis, façam consertos, cuidem do jardim, ajudem vizinhos. Sim, antes e depois das aulas, nos feriados e sábados. Existe uma infinidade de coisas para se fazer no lar. Leiam bons livros, passem roupa, lavem, aprendam a costurar, cozinhem, lavem os pratos, cuidem de crianças, sejam aprendizes de um ofício ou artesanato.

Escreveu certo pai à juventude: “Seus pais não lhes devem divertimentos, sua comunidade não lhes deve recreação; o mundo não lhes deve um meio de vida; vocês devem ao mundo; devem-lhe seu tempo, sua energia, seus talentos, e devem a vocês próprios. Em palavras simples, cresçam, despertem de seu mundo de sonho; desenvolvam uma espinha dorsal e não reivindicações, e comecem a agir como homens...”

Legisladores e médicos, em sua ansiedade por proteger a criança, legislaram até que o pêndulo procurasse o outro extremo. Mas nenhuma lei proíbe o trabalho sugerido acima e os pais devem criar trabalho.

O Presidente David O. McKay disse: “Estamos vivendo numa era de armadilhas que ameaça produzir uma geração sem firmeza. Frouxidão de caráter é a raiz da maior parte dos problemas sempre enfrentados pela juventude.”

Virão os jovens desajustados de lares normais, com pais e mães normais? Ou serão seus pais fazedores de dinheiro que satisfazem todos os seus próprios desejos, desde vida social, conforto, esportes, viagens até bebidas e festas às expensas do cuidado de seus filhos?

Ajoelhar-se-ão em oração pela manhã e à noite as famílias desses predadores? Terão noites familiares, piqueniques, passeios e férias em conjunto? Exercerão seus pais disciplina em família, ou serão, esses jovens, emancipados de peias, deveres e qualquer controle?

Para deter essa crescente proporção de delinquência juvenil, ouvimos gritar: “Precisamos de mais casas correccionais e reformatórios. Mais dinheiro público precisa ser aplicado em institutos de menores, mais especialistas precisam ser admitidos.”

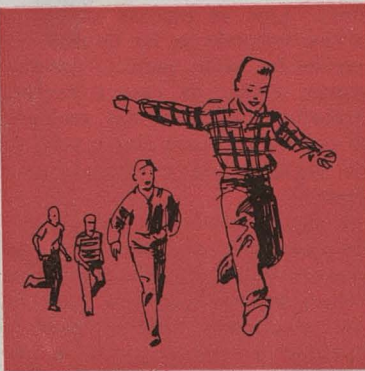
Evidentemente, está claro que isto tudo não seria mais do que tentar controlar uma doença de proporções epidêmicas. Falharam os especialistas? Não será tempo de voltar aos fundamentos?

O Senhor indicou-nos de há muito a prevenção desse mal. Ele organizou a família num lar, com propósitos unificados. Não há necessidade de mágicos, assistentes sociais ou autoridades para perceber onde está a falha. A cura é a prevenção. Se o lar for religioso, com disciplina e amor, cheia de abençoado entendimento entre pais e filhos, haverá poucos dissidentes, se os houver. Reformatórios e casas de correção poderão ver cerradas as suas portas; cadeias receberão poucos prisioneiros e a prática da guerra será banida.

Tudo poderia advir do estabelecimento dos lares em fortitude espiritual; se os pais se dessem a suas famílias e as mães abandonassem empregos e ambiente social, para viver com rendas menores, mas ser melhores mães de seus filhos.

Organizemos nossos lares, disciplinemos nossos filhos, criando nações de lares como os que nosso Pai Celestial planejou. Esta é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sacerdócio nas Missões



«SE EU
FÔSSE
VOCÊ»



por Ernest L.
Wilkinson

Se eu fôsse você e desejasse ser um líder vitorioso de minha geração, faria o seguinte:

1. Expressaria minha gratidão a meu Pai Celestial tôdas as manhãs, pelas oportunidades do dia, e prestar-lhe-ia contas tôdas as noites pelas minhas realizações. Isto me proporcionaria uma perspectiva espiritual adequada e motivação para habilitar-me a satisfazer minha ambição, sem a qual nenhum homem pode ser realmente bem sucedido.

2. Durante minha juventude, eu me dedicaria a ocupações de trabalho pesado, de forma a obter a reserva física necessária à realização de tôdas as coisas que desejasse, nos anos maduros. Em tempos posteriores, preservaria a robustez física assim obtida praticando um exercício físico vigoroso diariamente — tendo verificado pela experiência que a formação de um corpo vigoroso na juventude é essencial para a adequada execução das obrigações mentais nos anos posteriores, como o testemunha o relativo vigor do Presidente McKay, agora já na década dos noventa.

3. Eu estabeleceria bem cedo um programa diário de desenvolvimento mental, conhecendo que, nos presentes dias, a menos que se alcancem realizações mentais de superior qualidade, não se pode esperar ser um líder. Como parte dêste desenvolvimento mental, principiaria um programa sistemático de leitura de bons livros e aprenderia em breve a decorar passagens das escrituras e de obras conceituadas.

4. Registraria observações num diário regularmente, anotando todos os dias o que logrei realizar. Isto estimula-nos a aproveitar o tempo.

5. Aprenderia a equilibrar meu tempo e minhas despesas e manteria delas um registro, de forma que ao fim de minha vida pudesse ter um controle bastante completo do que

havia dispendido. Desta forma eu aprenderia a gastar sábiamente, a economizar com prudência, a viver sadicamente e a dar com generosidade.

6. Eu cedo desenvolveria hábitos de sobriedade, labor, devoção religiosa e decisão; pois uma vida bem ordenada e vitoriosa resulta quase inteiramente dos hábitos desenvolvidos na juventude. Bismark declarou certa vez que um terço do povo afogara-se na morte, outro terço trabalhara até a morte, mas o terço restante governara a Europa.

Em nossos dias, estou seguro de que pelo menos um terço do povo não logra realizar seus propósitos devido a maus hábitos. Por outro lado, qualquer teoria de que uma grande porcentagem trabalha até morrer é um mito desmoralizador. Bem poucas pessoas que morrem prematuramente o fazem devido a trabalho pesado, mas devido a viverem vidas desordenadas, sofrendo tensões anormais ou doenças. O desejo de trabalhar e a euforia derivada do trabalho — a coisa mais fácil de se obter na vida — na realidade ampliam, enriquecem e glorificam a vida. Com relação à porcentagem que serve a humanidade como líderes, satisfaço-me com citar o filósofo e psicólogo William James:

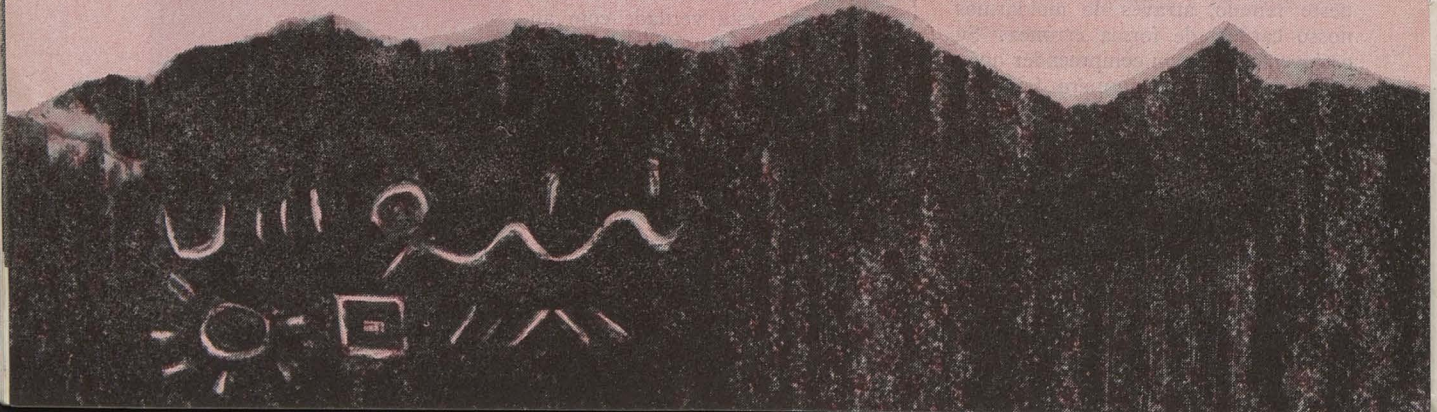
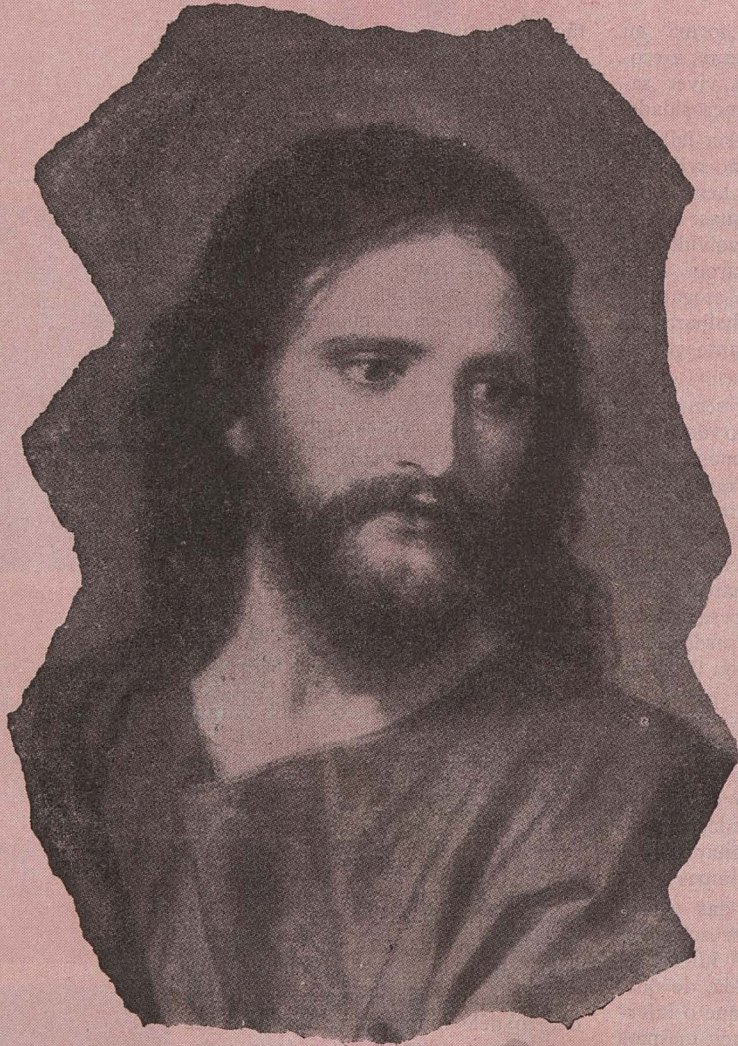
“O estudo psicológico das condições mentais é o mais poderoso aliado das exortações éticas. O inferno a ser encontrado na outra vida, do qual fala a teologia, não é pior que o inferno que preparamos para nós mesmos neste mundo, através de moldarmos nosso caráter de forma errônea. Se os jovens pudessem compreender quão logo tornar-se-ão um mero feixe de hábitos ambulante, dariam maior importância a sua conduta presente, enquanto são plasmados. Estamos traçando nosso próprio destino, bom ou mau, o qual nunca se desfará. Cada pequeno traço de virtude ou de vício deixa sua cicatriz, nunca assim

tão pequena. O bêbado Rip Van Winkle, da peça de Jefferson, desculpa-se de cada pequeno delito, dizendo: ‘Desta vez não conta.’ Ora, êle podia não contar, e um céu bondoso talvez o perdoasse; mas tudo estava sendo contado, sem dúvida. Bem no fundo de suas células nervosas, entre as fibras e moléculas, o registro era feito; registro e armazenamento, para que êsse ato fosse usado contra êle ao chegar a tentação seguinte. Nada que jamais fazemos, na literalidade científica estrita, se dissolve. Naturalmente, isto tem seu aspecto bom e seu aspecto mau. Enquanto nos tornamos bebedores permanentes, por tomarmos diversos tragos separados, também nos tornamos santos em moral e autoridades e especialistas em esferas práticas e científicas por outros tantos atos isolados e horas de trabalho. Que nenhum jovem sofra qualquer ansiedade com respeito à utilidade de sua educação, qualquer que seja a sua natureza. Se conservar-se fielmente ocupado durante tôdas as horas, em todos os dias úteis, poderá com segurança deixar os resultados finais a seu próprio sabor. Êle poderá com absoluta segurança contar que despertará uma bela manhã para encontrar-se membro competente de sua geração, em qualquer escolha que tenha feito. Calmamente, entre todos os detalhes de seu trabalho, o *poder de julgamento* em qualquer assunto consolidar-se-á dentro dêle numa posse que não lhe poderá ser subtraída. Os jovens devem conhecer esta verdade com antecedência. Sua ignorância terá provavelmente engendrado mais desânimo e fraqueza na juventude, que abraça arduosamente sua carreira, que tôdas as outras causas contadas juntamente.”

Baseado em minha experiência estou seguro de que se fôsse você e seguisse estas simples regras, tornaria-me um líder de minha geração.

JESUS, O CRISTO

JAMES E. TALMAGE



NO DESERTO DA JUDÉIA

CAPÍTULO X — UMA VOZ NO DESERTO

Numa época definitivamente indicada como 15º ano do reinado de Tibério César, imperador de Roma, o povo da Judéia foi grandemente agitado pela estranha pregação de um homem até então desconhecido. Era de descendência sacerdotal, mas não se havia instruído nas escolas; e, sem autorização dos rabinos ou licença dos príncipes dos sacerdotes, declarou-se enviado de Deus com uma mensagem para Israel. Não aparecia nas sinagogas nem nos pátios dos templos, onde ensinavam os escribas e os doutores, mas clamava no deserto. O povo de Jerusalém e das zonas rurais adjacentes acorreu em grandes multidões para ouvi-lo. Ele desdenhava as túnicas macias e os mantos ondulantes do conforto e pregava em sua rude indumentária do deserto — um traje de pêlo de camelo cingido por uma cinta de couro. A rusticidade de sua indumentária era considerada significativa. Elias, o tisbita, aquele profeta destemido cujo lar havia sido o deserto, fôra conhecido em seus dias como “um homem vestido de pêlos e com os lombos cingidos dum cinto de couro”^a e vestimentas rústicas vieram a ser consideradas como traço de distinção dos profetas.^b Tampouco comia êsse estranho pregador a comida da luxúria e da comodidade, mas alimentava-se daquilo que o deserto lhe providinha: gafanhotos e mel silvestre.^c

Êsse homem era João, filho de Zacarias, que seria dentro em breve conhecido como João Batista. Havia passado muitos anos no deserto, afastado do convívio dos homens, anos de preparação para sua missão específica. Havia estudado sob a tutela de mestres divinos; e lá, no deserto da Judéia, a palavra do Senhor chegou a êle,^d como em cenário semelhante havia chegado a Moisés^e e Elias o Profeta, na antigüidade. Então fêz-se ouvir a “voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas.”^f Era a voz do arauto, o mensageiro que, como haviam dito os profetas, antecederia o Senhor para preparar-lhe o caminho.^g A essência de sua mensagem era “Arrependei-vos, pois o reino dos céus está às portas.” E àqueles que tinham fé em suas palavras e professavam o arrependimento êle administrava o batismo por imersão na água — explicando: “Eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; êle vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.”^h

Era impossível ignorar tanto o homem como sua mensagem; sua prédica era específica em promessas à alma arrependida e inexorável na denúncia aos hipócritas

e aos pecadores empedernidos. Quando os fariseus e os saduceus vieram a seu batismo, pregando a lei, cujo espírito não cessavam de transgredir, e os profetas, a quem desonravam, êle os denunciou como geração de víboras e perguntou-lhes: “Quem vos ensinou a fugir da ira futura?” Êle rejeitou sua tão repetida jactância de que eram filhos de Abraão, dizendo: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. E não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.”ⁱ Ignorar seus reclamos de primazia por serem filhos de Abraão foi uma severa repreensão e causa de grave afronta tanto aos aristocráticos saduceus como aos fariseus aferrados à lei. O judaísmo asseverava que a posteridade de Abraão possuía lugar garantido no reino do Messias esperado e que nenhum prosélito dentre os gentios teria a possibilidade de alcançar o pôsto e a honra que eram assegurados aos “filhos”. A asserção vigorosa de João de que às próprias pedras da margem do rio Deus poderia suscitar filhos a Abraão significou para os que o ouviram que mesmo o mais humilde dentre a família humana poderia ser preferido a êles a menos que se arrependessem e emendassem.^j O tempo de professar com palavras havia passado; frutos eram agora requeridos, não estéril profusão de fôlhas; o machado estava pronto, à raiz das árvores; e tôda a árvore que não produzisse bons frutos seria abatida e atirada ao fogo.

O povo estava assombrado; e muitos, vendo-se em sua verdadeira condição de negligência e pecado, enquanto João, com palavras candentes, desnudava suas faltas, clamavam: “Que faremos então?”^k A réplica de João foi dirigida contra o formalismo cerimonial que havia feito definhavar a espiritualidade no coração do povo a ponto de quase não mais existir. Caridade abnegada exigiu dêles: “Quem tiver duas túnicas reparta com o que não tem e quem tiver alimentos faça da mesma maneira.” Os publicanos ou cobradores de impostos, sob cujas injustas e ilícitas exigências o povo vinha sendo de há muito oprimido, chegaram perguntando: “Mestre, que devemos fazer? E Êle lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado.” Aos soldados que lhe perguntaram o que fazer, Êle replicou: “A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso sôlido.”^l

A essência de seus preceitos foi a de uma religião prática, a única religião que encerra algum valor — a religião de uma vida reta. Com todo o seu vigor, e a despeito de sua brusquidão, de seus poderosos ataques aos

a. 2 Reis 1:8.
b. Nota 1, no fim do capítulo.
c. Mat. 3:1-5; compare com Lev. 11:22; veja também Marcos 1:1-8. Nota 2, no fim do capítulo.
d. Lucas 3:2.
e. Exo. 3:1,2.
f. 1 Reis 17:2-7.
g. Marcos 1:3.

h. Marcos 1:2; compare com Isaías 40:3; Mal. 3:1; Mat. 11:10; Lucas 7:27.
i. Mat. 3:11.
j. Mat. 3:7-10; veja também Lucas 3:3-9.
k. Compare um exemplo posterior, no qual Cristo semelhantemente ensina (João 8:33-59).
l. Lucas 3:10; compare Atos 2:37.
m. Lucas 3:10-15.

costumes degenerados da época, êste homem não era um agitador contra as instituições estabelecidas — um promovedor de desordens. Não advogava revoltas nem incitava rebeliões. João não atacou o sistema de tributações mas as extorções dos ávaros e corruptos publicanos; não detratou o exército, mas as iniquidades dos soldados, muitos dos quais haviam tirado partido de sua posição para prestar falso testemunho visando ganho e confiscando riquezas pela força. Ele pregou o que na atual dispensação denominamos os primeiros princípios do evangelho — “o princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus,”^o compreendendo fé, a qual é vitalizada pela crença em Deus; genuíno arrependimento, que compreende contrição pelas ofensas passadas e uma resoluta determinação de afastar-se do pecado; batismo por imersão na água, sob suas mãos, como as de quem possuía autoridade; e o batismo superior pelo fogo, ou a outorga do Espírito Santo através de uma autoridade maior que a possuída por êle próprio. Sua pregação foi positiva e em muitos aspectos oposta às convenções da época; não atraiu o povo por intermédio de manifestações miraculosas^p e mesmo que muitos de seus ouvintes se ligassem a êle como discípulos,^q não estabeleceu nenhuma organização formal nem procurou fundar um culto. Seu chamado ao arrependimento foi uma exigência individual, pois a todo o solícitante aceitável foi individualmente administrado o rito do batismo.

Para os judeus, que viviam em estado de expectativa, aguardando o de há muito prometido Messias, as palavras dêsse estranho profeta do deserto eram de profunda transcendência. Dar-se-ia o caso de que êle fôsse o Cristo? João falou-lhes de Um ainda por vir, mais poderoso que êle, cujas alparcas não era digno de desatar,^r que haveria de apartar o povo como a eira e, empunhando a pá, separaria a palha do trigo; e acrescentou que Aquêle mais poderoso “ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.”^s

Desta maneira transmitiu o arauto do Senhor a sua mensagem. A si próprio não exaltaria; seu ofício, contudo, era sagrado para êle e com suas funções não permitiu interferissem sacerdotes, levitas ou rabinos. Não fazia acepção de pessoas; ao pecado denunciava, aos pecadores descompunha, trajassem túnicas sacerdotais, vestes campezinas ou mantos reais. Todos os reclamos que João Batista havia feito com respeito a si mesmo e a sua missão foram posteriormente confirmados e defendidos pelo específico testemunho do Cristo.^t João foi o precursor não apenas do reino, mas do Rei; e a êle o Rei em pessoa se apresentou.

O BATISMO DE JESUS — PARA CUMPRIR TÔDA A JUSTIÇA

Quando Jesus “começava a ser de quase trinta anos,”^u viajou de sua casa na Galiléia e foi “ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por êle. Mas João opunha-

o. Marcos 1:1.

p. João 10:41.

q. João 1:35,37; Mat. 11:2; Lucas 7:18.

r. Nota 3, fim do capítulo.

s. Lucas 3:17; veja também Mat. 3:12; compare Mal. 3:2.

t. Mat. 11:11-14; 17:12; Lucas 7:24-30.

se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir tôda a justiça. Então êle o permitiu.”^v

João e Jesus eram primos em segundo grau; se teria havido uma associação íntima entre os dois quando meninos ou rapazes não é dito. É certo, contudo, que quando Jesus apresentou-se para batismo João reconheceu n'Êle um ser sem pecado, cuja condição não requereria qualquer arrependimento e, como o Batista havia sido comissionado a batizar para remissão dos pecados, não viu necessidade de administrar a ordenança a Jesus. Aquêle que havia recebido as confissões da multidão agora confessava-se, reverente, a Um que reconhecia como mais justo que êle. À luz dos acontecimentos posteriores, parece que João não sabia por êsse tempo que Jesus era o Cristo, o Poderoso por quem esperava e de quem sabia ser o precursor. Quando João expressou sua convicção de que Jesus não necessitava purificação pelo batismo, o Senhor, reconhecendo ser isento de pecado, não negou-lhe a imputação, reiterando no entanto seu pedido de batismo com a significativa explicação: “Assim nos convém cumprir tôda a justiça.” Se João estava apto a compreender o significado mais profundo desta asserção, deve ter descoberto nela uma verdade, de que o batismo de água não só é o único meio instituído para se obter a remissão dos pecados, mas também uma ordenança indispensável, estabelecida em justiça e exigida de tôda a humanidade como condição essencial para filiação no reino de Deus.*

Jesus Cristo assim submeteu-se ao desejo do Pai e recebeu de João o batismo por imersão na água. Atestou-se pelo que imediatamente se seguiu que Seu batismo foi aceito como um ato de submissão agradável e necessário: “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre êle. E eis que uma voz dos céus dizia: Êste é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”^w João então conheceu seu Redentor.

Os quatro evangelistas registram a descida do Espírito Santo sobre Jesus após seu batismo acompanhada de uma manifestação visível “como uma pomba”; e êste sinal havia sido indicado a João como a forma predeterminada por intermédio da qual o Messias lhe seria dado a conhecer; e àquele sinal, antecipadamente especificado, era agora acrescentado o supremo testemunho do Pai com respeito à Filiação literal de Jesus. Mateus registra a afirmação do Pai como tendo sido feita na terceira pessoa: “Êste é o meu Filho amado,” enquanto ambos, Marcos e Lucas, expressam-na de forma mais direta: “Tu és o meu Filho amado.” A variação, ligeira e de pequena monta em essência o quanto seja, a despeito de versar sobre tão importante matéria, provê evidência de que os escritores agiram independentemente e desacredita qualquer insinuação de conluio entre os autôres.

Os incidentes ocorridos ao emergir Jesus do sepultamento batismal demonstram a individualidade distinta

u. Lucas 3:23.

v. Mat. 3:13-15.

x. Para um estudo do batismo como um requisito universal, veja, do mesmo autor, Regras de Fé. Nota 6, no fim do capítulo.

z. Mat. 3:16, 17; compare Marcos 1:9-11; Lucas 3:21, 22.

das três Personagens da Trindade. Naquela ocasião somente, Jesus, o Filho, estava presente na carne; a presença do Espírito Santo foi manifesta através do sinal simultâneo da pomba e a voz do Pai Eterno fêz-se ouvir dos céus. Não possuíssimos nós outra evidência da personalidade separada de cada membro da Santíssima Trindade e esta ocorrência seria conclusiva; mas outras escrituras confirmam a grande verdade.^a

AS TENTAÇÕES DE CRISTO

Logo após seu batismo, e imediatamente a seguir como declara Marcos, Jesus foi impelido pela inspiração do Espírito a deixar os homens e as distrações da vida em comunidade, retirando-se para o deserto, onde estaria livre para se comunicar com seu Deus. Tão forte foi a influência daquela força compulsora que Ele foi levado ou, como dizem os evangelistas, impelido a uma reclusão solitária, na qual permaneceu por quarenta dias, "entre as feras" do deserto. Esta notável ocorrência na vida de nosso Senhor é descrita, embora não com a mesma amplitude, em três dos Evangelhos;^b João silenciou-se com respeito ao assunto.

As circunstâncias que envolveram êsses dias de exílio e provação devem ter sido relatadas pelo próprio Jesus, pois, quanto a outras testemunhas humanas, não houve nenhuma. As narrativas registradas tratam principalmente dos fatos ocorridos no encerramento do período de quarenta dias, mas, consideradas em sua totalidade, deixam fora de dúvida o fato de que êsses foram dias de jejum e oração. A compreensão de Cristo de que era o Messias preordenado e escolhido chegou-lhe gradualmente. Como o demonstram suas palavras a sua mãe, por ocasião da memorável entrevista com os doutores nos pátios do templo, Ele conhecia, quando apenas um garoto de doze anos, que de uma forma particular e pessoal Ele era o Filho de Deus; entretanto, é evidente que uma compreensão plena do propósito de sua missão na terra apenas desenvolveu-se em seu íntimo na medida em que aumentava, passo a passo, em sabedoria. Seu reconhecimento pelo Pai e a permanente companhia do Espírito Santo abriram-lhe a alma para o glorioso fato de sua divindade. Ele possuía muito em que pensar, muita coisa que exigia oração e a comunhão com Deus que apenas a prece pode proporcionar. Durante todo o período de recolhimento Ele não comeu, mas preferiu jejuar, a fim de que Seu corpo mortal pudesse ser mais completamente sujeito a Seu espírito divino.

Então, quando Ele estava faminto e fisicamente fraco, o tentador apresentou-se com a insidiosa sugestão de que fizesse uso de seus poderes extraordinários para obter alimento. Satanás havia escolhido o momento mais propício para seu maligno propósito. Que não farão os mortais, a que ponto não têm os homens chegado, para aplacar os tormentos da fome? Esaú vendeu sua primogenitura por um pouco de comida. Os homens lutam como feras por causa de alimento. Mulheres têm trucidado e devorado suas próprias crianças de preferência a suportar as penúrias da fome. Tudo isto conhecia Satanás quando

a. Pouco antes de sua morte, o Salvador prometeu aos apóstolos que o Pai enviaria o Confortador, que é o Espírito Santo (João 14:26, e 15:26). Veja Regras de Fé.

apresentou-se a Cristo naquela hora de extrema necessidade física e disse-lhe: "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães." Durante as longas semanas de reclusão, nosso Senhor havia-se sustido pela exaltação de espírito que naturalmente envolveria uma tão absorvente concentração mental como a que sua prolongada meditação e comunhão com os céus sem dúvida produzira; em tão profunda devoção de espírito, apetites corporais eram subjugados e superados; mas a reação da carne era inevitável.

Faminto como estava Jesus, encerravam as palavras de Satanás uma tentação ainda maior que a sugestão de prover alimento para seu corpo carente — a tentação de pôr à prova a possível dúvida implicada na palavra "Se" do tentador. O Pai Eterno havia proclamado a Jesus como seu Filho; e o demônio tentava fazer o Filho duvidar do divino parentesco. Por que não provar o interesse do Pai por seu Filho neste momento de extrema necessidade? Seria próprio que o Filho de Deus padecesse fome? Teria o Pai tão depressa se esquecido, a ponto de permitir que seu Filho Amado sofresse de tal forma? Não era razoável que Jesus, debilitado pela longa abstinência, provesse para si mesmo, particularmente quando isto lhe era facultado, e por meio de uma simples ordem, se a voz ouvida em seu batismo era realmente a do Pai Eterno? Se em verdade tu és o Filho de Deus, demonstra teu poder e ao mesmo tempo satisfaz tua fome — eis a essência da diabólica sugestão. Consentir teria significado manifestar dúvida positiva na proclamação do Pai.

E, mais que isto, o poder superior que Jesus possuía não lhe havia sido dado para sua satisfação pessoal, mas para o serviço de outros. Ele deveria experimentar tôdas as provações da mortalidade; outro homem, faminto como ele estava, não poderia prover para si miraculosamente; e mesmo que por milagre tal pessoa fôsse alimentada, a provisão miraculosa teria que ser-lhe dada; não obtida por si mesmo. Era uma consequência natural da dupla natureza de nosso Senhor, abrangendo os atributos tanto de Deus como do homem, que Ele devesse suportar e sofrer como um mortal, enquanto possuía, durante todo o tempo, a capacidade de invocar o poder de sua própria divindade, pelo qual tôdas as necessidades corporais poderiam ser supridas ou sobrepujadas. Sua réplica ao tentador foi sublime e positivamente cabal: "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus."^c A palavra proveniente da boca de Deus, sobre a qual Satanás pretendia lançar dúvida, fôra a de que Jesus era o Filho Amado em quem o Pai se comprazia. O demônio foi derrotado; Jesus triunfou.

Compreendendo que havia fracassado redondamente na tentativa de induzir Jesus a empregar o poder que lhe era inerente para benefício pessoal e a confiar em si próprio, ao invés de esperar na providência do Pai, Satanás passou ao outro extremo e tentou Jesus a atirar-se caprichosamente à proteção do Pai.^d Jesus achava-se em um dos lugares altos do templo, num pináculo ou parapeito, contemplando os espaçosos pátios, quando o demônio lhe disse: "Se tu és o Filho, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a

b. Mat. 4:1-11; Marcos 1:12, 13; Lucas 4:1-13.

c. Mat. 4:4; compare Deut. 8:3.

d. Nota 4, no fim do capítulo.



teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra.” Novamente a implicação da dúvida.^e Se Jesus era de fato o Filho de Deus, não poderia confiar em que Seu Pai o salvasse, particularmente estando escrito^f que anjos o guardariam e susteriam? A réplica de Cristo ao tentador, no deserto, incluía a citação de uma escritura, e esta Ele a havia introduzido com a expressiva fórmula comum aos expositores da Sagrada Escritura — “Está escrito.” Na segunda tentativa, o demônio procura apoiar sua sugestão nas escrituras e emprega expressão similar — “pois está escrito.” Nosso Senhor refutou e retrucou à citação diabólica com uma outra, dizendo: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.”^g

Por detrás da provação de pecar colocando-se em perigo por capricho, para que o amor do Pai pudesse manifestar-se em socorro miraculoso, ou recusando-se a pôr à prova a intervenção do Pai, assim demonstrando dúvida quanto a seu estado de Filho Amado, ocultava-se um apêlo ao lado humano da natureza de Cristo, sob a forma da fama que tão estarrecedora façanha, qual seja a de projetar-se das alturas estonteantes do pináculo do templo e pousar ileso, certamente lhe traria. Não podemos resistir ao pensamento, apesar de não sermos justificados em dizer que tal idéia tenha mesmo momentaneamente encontrado eco no Salvador, de que o agir conforme a sugestão de Satanás, convindo-se naturalmente que o resultado fôsse o previsto por ele, teria assegurado o reconhecimento público de Jesus como sendo um Ser superior aos mortais. Teria sido verdadeiramente um sinal

e. Nota 5, no fim do capítulo. Leia o texto do segundo subtítulo do capítulo 31 d'êste livro.

f. Mat. 4:6; Salmos 91:11, 12.

e uma maravilha, cuja fama se alastraria como o fogo na grama sêca; e tôda a comunidade judaica se teria inflamado de excitamento e interesse pelo Cristo.

O evidente sofisma de Satanás, citando a escritura, não merecia uma réplica categórica; sua doutrina não requeria nem lógica nem raciocínio; a falseada aplicação da palavra escrita anulava-se por uma escritura pertinente; as linhas do salmista foram confrontadas com o comando categórico do profeta do êxodo, no qual ordena a Israel que não provoque nem tente o Senhor a obrar milagres entre êles. Satanás tentava Jesus a tentar o Pai. É tão blasfema uma interferência com as prerrogativas da Divindade, estabelecendo limitações ou fixando tempo e local em que o divino poder deve fazer-se manifesto, como tentar usurpar aquêle poder. Deus, e só Ele, deve decidir quando e como suas maravilhas serão operadas. Ainda uma vez os propósitos de Satanás se viram frustrados e Cristo novamente venceu.

Na terceira tentação o demônio absteve-se de tentar outro apêlo a que Jesus pusesse à prova seus próprios poderes ou os do Pai. Por duas vêzes derrotado, o tentador abandonou o plano de assalto; e, livrando-se de qualquer disfarce, fêz-lhe uma proposta definida. Do tôpo de uma montanha elevada Jesus visualizava a terra, com suas riquezas em cidades e campos, vinhas e pomares, rebanhos e manadas; e em visão Ele contemplou os reinos do mundo, com sua riqueza, esplendor e glória terrena. Disse a Ele, então, Satanás: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.” Assim escreveu Mateus; a versão de Lucas, mais extensa, é a seguinte: “E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo êste poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero; Portanto, se tu me adorares, tudo será teu.” Não devemos preocupar-nos com conjeturas quanto a se Satanás teria cumprido sua promessa no caso de Cristo render-lhe homenagem; seguro está que Cristo poderia ter procurado e obtido para si a riqueza e a glória do mundo, tivesse-o desejado, fracassando assim em sua missão messiânica. Isto Satanás compreendia plenamente. Muitos homens têm-se vendido ao diabo por um reino ou por muito menos, sim, até mesmo por uns míseros centavos.

A insolência de sua oferta era em si própria diabólica. Cristo, o Criador do céu e da terra, encarnado como então estava em corpo mortal, poderia não ter recordado seu estado preexistente, ou o papel que representara no grande conselho dos Deuses,^h enquanto Satanás, espírito sem tabernáculo, — o deserdado, o filho rebelde e rejeitado — procurando tentar o próprio Ser através do qual o mundo fôra criado, com a promessa de dar-lhe parte do que era inteiramente seu, ainda poderia ter, como na verdade talvez o tenha ainda, uma lembrança daquelas cenas primordiais. Naquele passado distante, antedatando da criação da terra, Satanás, então Lúcifer, um filho da alva, havia sido rejeitado; e o Primogênito fôra escolhido. Agora que o Escolhido era sujeito às provações da mortalidade, Satanás busca frustrar o divino propósito dominando o Filho de Deus. Ele, que havia sido derrotado por Miguel e suas hostes e expulso como um rebelde

g. Mat. 4:5-7; compare Deut. 6:16.

h. Leia os primeiros parágrafos do capítulo 2 d'êste livro, para comparação.

vencido, pedia ao Jeová corporificado que o adorasse. "Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a êle servirás. Então o diabo o deixou; e eis que chegaram os anjos, e o serviram."¹

Não se deve supor que por ter Cristo emergido vitorioso das nuvens negras dessas três tentações específicas ficasse eximido de assaltos posteriores da parte de Satanás, ou que isto o isentasse de futuras provas de fé, confiança e perseverança. Lucas encerra seu relato das tentações que se seguiram aos quarenta dias de jejum como segue: "E, acabando o diabo tôda a tentação, ausentou-se dêle por algum tempo."² Esta vitória sôbre o demônio e suas astúcias, seu triunfo sôbre os desejos da carne, sôbre as dúvidas inquietantes da mente, sôbre a sugestão de buscar fama e riqueza materiais, foram êxitos importantes, mas não conclusivos, na luta entre Jesus, o Deus feito homem, e Satanás, caído anjo de luz. Que estava sujeito a tentações durante o período de sua associação com os apóstolos, Cristo o manifestou expressamente.¹ Que suas tentações extenderam-se até à agonia em Getsemane será verificado no prosseguir dêste estudo. Não é dado ao restante de nós, nem foi dado a Jesus, fazer frente ao inimigo, combatê-lo e sobrepujá-lo num único encontro, de uma vez por tôdas. O conflito entre o espírito imortal e a carne, entre a semente de Deus de um lado e o mundo e Satanás do outro, é permanente por tôda a vida.

Poucos eventos na história evangélica de Jesus de Nazaré deram ensejo a mais discussões, fantásticas teorias e especulações estereis que as tentações. A tôdas essas conjecturas podemos ignorar. Para qualquer crente das escrituras sagradas o relato das tentações aí registrado é suficientemente explícito para pôr além de qualquer dúvida ou questão os fatos essenciais; ao descrente não impressionam nem Cristo nem seu triunfo. De que nos valeria especular quanto a se Satanás apareceu a Jesus em forma visível ou esteve presente apenas como espírito invisível; se lhe falou em voz audível ou fêz surgir na mente de sua vítima os pensamentos depois expressos pelas linhas escritas; se as três tentações ocorreram em seqüência imediata ou foram experimentadas a longos intervalos? Podemos com segurança refutar tôda a teoria de mitos ou parábolas no relato das escrituras e aceitar o registro pelo que é; e com igual firmeza nós atestamos que as tentações foram reais e que as provações a que o Senhor foi submetido constituíram um teste verdadeiro e crucial. Crer de outra forma significa considerar as escrituras como mera ficção.

Uma questão que merece ser abordada, com relação a isto, é a da possibilidade ou não de Cristo cometer

pecado — a questão sôbre se seria capaz de pecar. Não houvesse possibilidade de êle ceder às seduções de Satanás e também não teria havido prova real, nem vitória genuína no resultado. Nosso Senhor foi sem pecado, ainda que pecável; Êle teria a capacidade, a habilidade de pecar se o tivesse desejado. Tivesse êle sido privado da capacidade de pecar e teria sido despojado de seu livre arbítrio; e foi para salvaguardar e assegurar o arbítrio do homem que êle ofereceu-se, antes que o mundo fôsse, como sacrifício redentor. Dizer que êle não podia pecar porque era a personificação da retidão não é negar sua possibilidade de escolha entre o bem e o mal. Um homem visceralmente sincero não pode mentir culposamente; contudo, sua segurança contra a falsidade não é a de uma compulsão externa, senão refreamento interno devido a seu cultivado companheirismo com o espírito da verdade. O homem realmente honesto não tomará nem cobiçará os bens de seu próximo. Pode-se na verdade dizer que êle não pode roubar; e no entanto seria capaz de fazê-lo se fôsse tal a sua escolha. Sua honestidade é uma armadura contra a tentação; mas a cota de malha, o elmo, a couraça e as grevas não são mais que uma cobertura externa; o homem que nêles se abriga pode ser vulnerável, se alcançado.

Mas por que proceder a um arrazoado laborioso, que não pode levar senão a uma conclusão, quando as próprias palavras de nosso Senhor e outras escrituras confirmam o fato? Pouco antes da traição, quando admoestava os Doze a serem humildes, êle disse: "E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações."^m Ainda que não encontremos aqui referência exclusiva às tentações que imediatamente se seguiram a seu batismo, a indicação é óbvia de que êle tinha suportado tentações e, por implicação, que elas teriam continuado através o período de seu ministério. O autor da epístola aos hebreus ensinou expressamente que Cristo era pecável, pôsto que "em tudo foi tentado", como o resto da humanidade. Considere esta declaração destituída de ambigüidade: "Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado."ⁿ E também: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência por aquilo que padeceu."^o

i. Mat. 4:10,11; compare Exo. 20:3; Deut. 6:13; 10:20; Josué 24:14; 1 Sam. 7:3.

j. Lucas 4:13.

l. Lucas 22:28.

m. Lucas 22:28.

n. Hebr. 4:14, 15.

o. Hebr. 5:8.

NOTAS

1. *Traje de Pêlo de Camelo.* — Através do profeta Zacarias (13:4) foi predita uma era em que os que se declaravam profetas não mais "se vestiriam de pêlos, para mentirem." Do manto de pêlo de camelo usado por João Batista a Versão de Oxford e outras notas marginais consideram a expressão "uma veste de pêlo" como mais literal que o texto bíblico. Deems (*Light of the Nations*, p. 74, nota) diz: "O traje de pêlo de camelo não era o couro do camelo com os pêlos, o que seria muito pesado para se usar, mas um traje tecido de pêlo de camelo, como o que Josefo menciona (B.J. i, 24:3)."

2. *Gafanhotos e Mel Silvestre.* — Insetos do tipo do gafanhoto ou da cigarra eram especificamente declarados limpos e adequados para a alimentação na lei dada a Israel no deserto. "Mas isto comereis de todo o réptil que voa, que anda sôbre quatro pés: o que tiver pernas sôbre os seus pés, para saltar com elas sôbre a terra. Dêles comereis êstes: o gafanhoto segundo a sua espécie, e o solham segundo a sua espécie, e o hargol segundo a sua espécie, e o hagabe segundo a sua espécie." (Lev. 11:21,22.) Em nossos dias os

(continua na pág. 27)

SOCIEDADE DE SOCORRO -

Auxiliar do Sacerdócio

Se você vivesse em 1842 e fôsse uma mulher SUD, tivesse sofrido perseguição por causa da Igreja e fôsse expulsa de seu lar duas ou três vezes, o que pediria ao Senhor, através de Seu grande profeta, Joseph Smith? Pediria o mesmo favor que as antigas líderes pediram — uma oportunidade de se associarem e unirem para apressar o trabalho do Templo de Nauvoo — para auxiliarem a fazer roupas para os homens que trabalhavam no Templo.

Você talvez se sentisse um pouco temerosa ao se aproximar do Profeta para relatar-lhe seu plano de organizar uma Sociedade de Senhoras e submeter à sua aprovação uma constituição por escrito. Mas o Profeta respondeu solenemente: “Sua oferta foi aceita pelo Senhor, mas Ele preparou algo de melhor para vocês, muito superior a uma constituição... reúnam-se a mim e a alguns dos irmãos na sala acima de minha loja, na próxima terça-feira à tarde, e eu organizarei as irmãs sob o Sacerdócio, e segundo seu padrão.”

Ao lermos hoje estas palavras, somos receptoras das bênçãos do Senhor a Suas filhas, doze anos após a organização da Igreja — uma sociedade para as mulheres da Igreja — uma Sociedade para a bênção dos membros em geral e, mais particularmente, para as irmãs. Uma sociedade que é a auxiliar do Sacerdócio, que tem a responsabilidade de efetuar o trabalho da Igreja designado às mulheres. No centenário da Sociedade de Socorro, em 1942, a Primeira Presidência externou a seguinte apreciação e instrução à Sociedade:

“Pedimos às nossas irmãs da Sociedade de Socorro que nunca se esqueçam que são uma organização única no mundo inteiro, pois foram organizadas sob a inspiração do Senhor, conferida àquele grande Profeta, divinamente chamado por uma visita do Pai e do Filho em pessoa, para abrir esta última Dispensação, a Dispensação da Plenitude dos Tempos. Nenhuma outra organização de senhoras no mundo teve tal início.

“Esta origem divinamente inspirada traz consigo uma responsabilidade correspondente, de consagração ao serviço e da mais elevada lealdade ao Sacerdócio de Deus e ao próximo. Os membros não devem permitir que interesses hostis nem competidores prejudiquem os deveres e obrigações, privilégio e honras, oportunidades e realizações dos membros desta grande Sociedade.

“A primeira, e quase que exclusiva, fidelidade de cada membro dêste grande grupo é com relação às suas companheiras e à organização. Os membros não devem permitir que outra afiliação interrompa ou interfira no trabalho desta Sociedade. Devem dar ao serviço da Sociedade de Socorro preferência aos clubes sociais e outras sociedades semelhantes. Salientamos isto porque no trabalho da Sociedade de Socorro há valores intelectuais, culturais e espirituais que não são encontrados em outras organizações e que são suficientes para tôdas as necessidades gerais de seus membros.

“Exortamos tôdas as irmãs a considerarem estas coisas seriamente, a cooperarem para manter a Sociedade

de Socorro em sua posição de maior e mais eficiente organização feminina do mundo.”

Sinceramente seus irmãos
Heber J. Grant
J. Reuben Clark, Jr.
David O. McKay
A Primeira Presidência

Dezoito mulheres reuniram-se com o Profeta Joseph Smith na sala acima de sua loja no dia 17 de março de 1842. O Profeta trouxe dois irmãos para esta reunião, Élder John Taylor, que foi o terceiro presidente da Igreja, e Élder Willard Richards, que veio a ser um conselheiro de Brigham Young na Primeira Presidência. O início da Sociedade de Socorro verificou-se naquele dia. O Profeta continuou a reunir-se com as irmãs, guiando-as e dirigindo-as. Fêz discursos maravilhosos e inspiradores. Foi no dia 28 de abril de 1842 que, durante sua alocução, ele descerrou as portas para as mulheres nesta dispensação da Plenitude dos Tempos, ao profetizar: “Em nome do Senhor, abro agora estas portas em vosso interesse, e esta Sociedade regozijar-se-á, e conhecimento e inteligência jorrarão de hoje em diante; êste é o princípio de melhores dias para os pobres e necessitados, que se regozijarão e derramarão bênçãos sobre as vossas cabeças.”

Do mesmo modo que o Salvador elevou a posição da mulher na Dispensação do Meridiano dos Tempos, e mostrou-lhe cortesia, consideração e amor, aparecendo primeiramente a Maria, após Sua ressurreição, assim também o Profeta da última dispensação elevou a posição das mulheres



e, através de inspiração, concedeu-lhes a bênção de servirem por meio de uma organização oficial. Durante os dias da apostasia, um véu escuro havia encoberto o verdadeiro lugar da mulher, mas agora, quando os raios do Evangelho restaurado começavam a brilhar através da escuridão da ignorância e superstição, eles iluminaram os esconderijos onde habitavam as filhas de Eva, revelando mais uma vez o seu verdadeiro lugar no plano eterno.

As irmãs da Sociedade de Socorro em 1842 haviam provado a si mesmas como espôsas carinhosas e mães devotadas — seu trabalho predestinado — mas então, adicionada àquelas alegrias, foi-lhes dada a oportunidade de ajudar outros e, assim, aumentar seus próprios talentos e engrandecer suas próprias almas.

Quais eram alguns dos trabalhos que faziam naqueles dias? Muito semelhantes aos prestados pela Sociedade de Socorro de hoje, porém adaptados às situações de então. Nauvoo era uma cidade à margem do rio. Navios a vapor traziam emigrantes de países distantes e deixavam-nos no cais de Nauvoo. Algumas crianças haviam ficado órfãs durante a longa viagem marítima. A Sociedade de Socorro cuidava delas. Muitas mulheres chegavam em extrema pobreza. A Sociedade de Socorro empenhava-se em encontrar-lhes emprêgo. Uma irmã dava lã, outra a tingia e outras tricotavam luvas e gorros para aquecer as crianças durante aqueles invernos rigorosos.

No ano seguinte a Sociedade de Socorro de Nauvoo foi fracionada em quatro divisões — e desesseis irmãs foram chamadas, com a aprovação do Profeta, para visitar as irmãs em seus lares — um comitê de necessidades. Era seu dever procurar os pobres e receber dos ricos para os pobres. Carregavam cestas enquanto iam de porta em porta.

Hoje, as que fazem estas visitas, levando uma mensagem espiritual a cada lar santo dos últimos dias, observando as necessidades e relatando-as à Presidente da Sociedade de Socorro (que as relata ao Bispo ou Presidente do Ramo), são chamadas Professôras Visitantes. Seu chamado teve um início glorioso nos primeiros dias da Igreja, no segundo ano da Sociedade de Socorro.

É um privilégio pertencente à Sociedade de Socorro. Seu trabalho enobrece e eleva as mulheres. Quando o Profeta instituiu a Sociedade de Socorro, disse que conhecimento e inteligência jorrariam daquele dia em diante, e que aquêle era o início de melhores dias para os pobres e necessitados. Estes dois princípios salvadores — conhecimento e serviço, continuam a irradiar o calor e amor da irmandade.

Somos tôdas descendentes espirituais das primeiras líderes da Sociedade de Socorro, e cada uma de nós deve seguir a admoestação da mãe do Profeta Joseph Smith — Lucy Mack Smith — acatada naqueles dias e hoje também. Na segunda reunião da Sociedade de Socorro ela se levantou e disse: “Precisamos estimar umas às outras e procurar instrução, a fim de que juntas sentemos no Céu.” Este é o glorioso futuro de cada membro fiel e dedicado da Sociedade de Socorro hoje em dia.

Na Missão Sul

Aconteceu em Curitiba. Nos dias 12 e 13 de março último, foi promovida a quinta conferência anual da Sociedade de Socorro da Missão Brasileira do Sul, com a finalidade de dar direção e liderança espiritual a tôdas as irmãs dos ramos, ajudando, guiando e instruindo a cada uma, para tornarem-se líderes e professoras mais eficientes e preparadas.

O programa foi presidido pelo Presidente Finn B. Paulsen e dirigido pela nossa muito querida Presidente da Sociedade de Socorro da Missão Brasileira do Sul, Sister Sara B. Paulsen. Seu tema denominou-se “Irmandade Mundial”.

Após ouvidas as palavras do Presidente Paulsen, que expressou seus sentimentos em relação à Sociedade de Socorro, foi dado início ao programa, com a apresentação da peça intitulada “A Chave de Ouro”. A chave, que representa o amor e que abre o cofre do tesouro, encerra as mais ricas jóias da Sociedade de Socorro, as quais são: Teologia, Mensagem das Professôras Visitantes,

Ciência Social, Literatura, Trabalhos Manuais e Testemunhos. Foi um programa inspirado, sugerindo a idéia para os programas de abertura nos ramos. O andamento das apresentações seguiu então seu curso estabelecido, sendo mais tarde feitas as apresentações das irmãs de cada ramo, sendo servido às 18 horas um excelente jantar amavelmente oferecido pela Junta da Missão.

À noite, no Salão Cultural, houve a tradicional apresentação do programa de talentos, quando todos tiveram oportunidade de apreciar os reais talentos musicais, poéticos e dramáticos das irmãs da missão.

No dia seguinte, houve reunião de trabalhos, com aulas demonstrativas de confecção de diversos tipos de almofadas, flôres artificiais, crochê e uma seção de cardápios com receitas para 50 pessoas. Foi encerrada com um maravilhoso desfile de “Criações Próprias” — as irmãs desfilaram na passarela exibindo lindos modelos de vestidos, blusões, aventais, casacos, bolsas, luvas e outros artigos interessantes e muito originais. Um estrondoso sucesso.

Mas a nota elegante foi realmente um belíssimo jantar oferecido no Salão Cultural, no dia 13 às 18,30 horas, com mesas lindamente ornamentadas com flôres e bandeiras, lembrando o tema da conferência — “Irmandade Mundial”. Chegou então o ponto culminante da conferência, com a apresentação do tema, no palco. Versou sobre a vida de Jesus e suas palavras, mencionando que a Sociedade de Socorro cumpre os objetivos dos melhores ensinamentos nas vidas das senhoras de nossa Igreja. Algumas pioneiras da Sociedade de Socorro apareceram trajadas a caráter, chamando as companheiras de tôdas as partes do mundo a testificarem desse fato. Senhoras com trajes típicos de muitas partes da terra desfilaram representando a universalidade da organização.

Foi assim encerrada a conferência, sendo todos os presentes convidados a partilharem de um belíssimo bôlo configurando o mundo, o qual fôra magistralmente confeitado e fez a delícia de mais de 150 pessoas. Assim ficou encerrada mais uma conferência da Sociedade de Socorro, que já se tornou tradição de sucesso na Missão Brasileira do Sul.

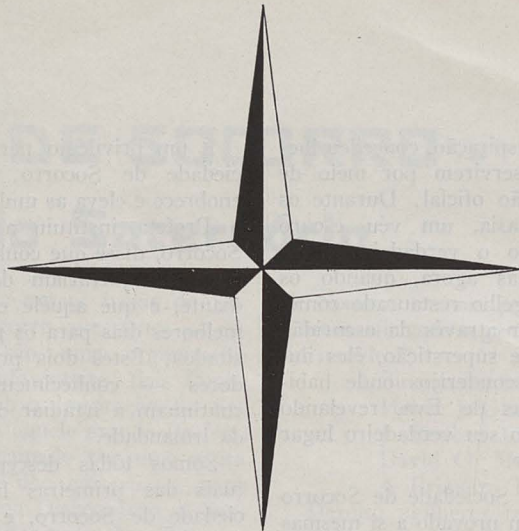
Boa Propaganda e a Divulgação do

Livro de Mórmon

Em Blumenau, uma pequena cidade da Missão Brasileira do Sul, existe um amálgama interessante de culturas. Há mais de cem anos, imigrantes alemães fundaram a cidade e, assim, a língua e os costumes da Alemanha foram perdurando. Ainda hoje, poucos gerentes empregariam uma pessoa que não falasse as duas línguas, português e alemão.

O ramo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que funciona naquela cidade é florescente. Os missionários "mórmons", reconhecendo êste fato, levantaram uma faixa de pano com os dizeres: "Já leu o Livro de Mórmon?", nas duas línguas. A companhia telefônica auxiliou na colocação, fornecendo um caminhão e dois empregados para instalar a faixa. Ela tornou-se então um ponto de grande interesse em Blumenau, sendo também uma das primeiras faixas bilíngües a serem colocadas na América do Sul.

Os Élderes reportaram que a venda de Livros de Mórmon foi bastante incrementada, em ambas as línguas, como resultado da excelente propaganda.



CULTIVE a MODÉSTIA

MENSAGEM DOS MESTRES
VISITANTES PARA O MÊS
DE MAIO

Num mundo de depravação moral, a modéstia é um diadema na coroa da virtude. Há uma necessidade sempre crescente de dar ênfase à importância desta qualidade. A falta de castidade é reconhecida como um dos piores males. Os maiores impérios do mundo têm caído por causa da falta de castidade. A imoralidade não somente tem provocado a queda de nações, como também tem sido um dos principais motivos da destruição de lares, além de enfraquecer o caráter do indivíduo. Tendo devastado os povos do passado, ainda ameaça as nações de hoje.

Como devemos conter esta influência destrutiva? Lembremo-nos dos dez mandamentos. O adultério foi colocado logo a seguir ao assassinio. O Senhor nunca suspendeu esta lei, mas tem dado mais ênfase à sua importância. Sendo a modéstia precursora da virtude, devemos aproveitar plenamente a força resultante dos elementos que levam à pureza pessoal. Esta qualidade de caráter é salvaguarda daqueles que têm em seu coração o desejo de viver dignamente. A modéstia se desenvolve através do controle do pensamento, palavras e escolha do vestuário. Se nunca permitirmos que pensamentos não castos passem por nossa mente, não haverá possibilidade de nós sermos influenciados pelo mal.

A pureza pessoal é grandemente influenciada pelo que ouvimos e vemos. Destas fontes é que resultam coisas sugestivas que trazem à mente aquilo que é mau. A vulgaridade está ostentada em tôda a parte. As anedotas indecentes são cada vez mais contadas. Nesta prática há sério perigo. Quando ouvimos palavreado maldoso, são plantados pensamentos que podem minar nossa força moral. Se temos o hábito de falar maldosamente, isto pode enfraquecer a vontade de nossos associados. Um sério problema que afeta a modéstia hoje em dia é a vestimenta imprópria. Em certos casos homens e mulheres são escravos da moda. Nas palavras de Benjamin Franklin: "Há muitos que, talvez, temem menos estar no inferno do que fora da moda". Aquêles que seguem os ditames da moda algumas vezes usam aquilo que ofende a Deus.

Devemos ter em mente que entre aquêles que fazem a moda há muitas pessoas mal intencionadas e que não estão preocupadas com os padrões morais. O fato de serem introduzidos estilos exagerados na moda não é razão para que sejam aprovados e aceitos. Estar adequadamente vestido é uma das características de uma verdadeira senhora ou cavalheiro. A causa de muitas tragédias morais muitas vezes começa com uma vestimenta imprópria.

(continuação da pág. 23)

gafanhotos são utilizados como alimento por muitos povos orientais, apesar de o serem principalmente pelas classes pobres. Da passagem referente aos gafanhotos como parte da alimentação de João Batista enquanto vivia em reclusão no deserto, diz Farrar (*Life of Christ*, p. 97, nota): "A suposição de que se refere às vagens da assim chamada árvore gafanhoto (alfarrobeira) é um engano. Gafanhotos são vendidos como artigo de alimentação nas lojas de gêneros em Medina; eles são mergulhados em água fervente e sal e secados ao sol, sendo comidos com manteiga, mas apenas pelos mendigos mais pobres." Geikie (*Life and Words of Christ*, vol. i, pp. 354, 355) refere-se ao seguinte, como sendo aplicável à vida de João Batista: "Seu único alimento eram os gafanhotos que saltavam e voavam nos montes, e o mel das abelhas silvestres que encontrava, aqui e ali, nas fendas das rochas, sendo a única bebida que tomava a água encontrada nas cavidades rochosas. Gafanhotos são ainda o alimento dos pobres em muitas regiões do Leste. 'Todos os beduínos da Arábia e os habitantes das cidades de Nedj e Hedjaz estão acostumados a comê-los', diz Burckhardt. 'Já vi em Medina e Tayf lojas de gafanhotos, onde são vendidos por pêsos. No Egito e na Núbia são usados apenas pelos mendigos mais pobres. Os árabes, preparando-os para comer, atiram-nos vivos em água fervente, na qual dissolveram uma boa quantidade de sal, retirando-os após alguns minutos e secando-os ao sol. A cabeça, os pés e as asas são então arrancados, limpa-se o corpo do sal e seca-se perfeitamente. Comem-se por vezes cozidos em manteiga ou passados em pão não levedado, misturados com manteiga.' Na Palestina, são comidos apenas pelos árabes das fronteiras extremas; em outras partes são considerados com asco e repugnância e apenas os mais pobres os empregam. Tristram, contudo, fala deles como 'muito saborosos'. 'Achei-os muito bons', diz ele, 'quando comidos à maneira árabe, cozidos com manteiga. Sabiam um pouco como camarão, mas de gosto menos forte.' No deserto da Judéia, vários tipos abundam em tôdas as estações, e alçam vôo com um ruído semelhante ao de tambor, a cada passo, abrindo de inopinado as asas de côres brilhantes: escarlate, rôxo, azul, amarelo, branco, verde ou marrom, de acôrdo com sua espécie. Eram 'limpos' sob a Lei Mosaica e podiam, portanto, ser comidos sem transgressão."

A respeito da menção de mel silvestre como alimento usado por João, o último autor citado diz, em continuação do mesmo parágrafo: "As abelhas silvestres na Palestina são muito mais numerosas que as das colmeias e a maior parte do mel vendido nas zonas meridionais é obtido de enxames silvestres. Poucos países, na verdade, estão melhor adaptados para as abelhas. O clima seco e a flora rasteira mas variada, consistindo extensamente de tomilhos aromáticos, hortelã e outras plantas similares, com açafraão na primavera, são muito favoráveis a elas, enquanto os recessos secos das rochas calcáreas, por tôda a parte, fornecem-lhes abrigo e proteção para seus favos. No deserto da Judéia as abelhas são muito mais numerosas que em outras partes da Palestina e é, atual-

mente, parte da dieta diária dos beduínos o mel que extraem dos favos e armazenam em couros."

3. *A Inferioridade de João Ante o Mais Poderoso que Proclamava.* — "Vem aquêlo que é mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das alparcas" (Lucas 3:16), ou "cuja alparcas não sou digno de levar" (Mateus 3:11); esta foi a forma pela qual João Batista declarou sua inferioridade ante o Poderoso que deveria sucedê-lo e suplantá-lo; e melhor ilustração seria difícil de se conceber. Desatar a correia do sapato ou sandália ou carregar os sapatos de alguém "era um encargo servil implicando em grande inferioridade da parte de quem o realizava." (*Dict. of the Bible*, Smith.) Uma passagem do Talmud (*Tract. Kidduschin* xxii: 2) requer que um discípulo faça por seu mestre o que quer que um servo possa ser mandado fazer por seu senhor, exceto desatar-lhe os sapatos. Alguns professores levavam suas exigências ao extremo de fazerem seus discípulos carregarem seus sapatos. A humildade de João Batista, em vista do extraordinário interesse que sua pregação despertava, é impressionante.

4. *A Ordem em que as Tentações Foram Apresentadas.* — Apenas dois evangelistas especificam as tentações a que Cristo foi submetido imediatamente após seu batismo; Marcos menciona apenas o fato de que Jesus foi tentado. Mateus e Lucas colocam em primeiro lugar a tentação de que Jesus provesse alimento para si, criando pão miraculosamente; a seqüência das demais provações não é a mesma nos dois registros. A ordem seguida neste texto é a de Mateus.

5. *O "Se" de Satanás.* — Note-se o escárnio diabólico com que o "se" foi empregado quando Cristo pendia da cruz. Os príncipes dos judeus, escarnecendo de Jesus crucificado, em sua agonia, disseram: "Salve-se a si mesmo, se é o Cristo." E o soldado, lendo a inscrição à cabeça da cruz, mofou do Deus agonizante, dizendo: "Se tu és o Rei dos Judeus salva-te a ti mesmo." E, mais tarde, o malfetor impenitente a seu lado gritava: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós." (Lucas 23:35-39.) Quão literalmente aqueles escarnecedores e vilipendiadores citaram as próprias palavras de seu pai, o demônio (ver João 8:44)! Veja-se ainda o capítulo 35 — A Crucifixão.

6. *Batismo Requerido de Todos.* — O batismo é requerido de tôdas as pessoas que atingem a idade da responsabilidade na carne. Ninguém é eximido. Jesus Cristo, que viveu como homem sem pecado em meio a um mundo pecador, foi batizado para "cumprir tôda a justiça". Seis séculos antes deste evento, Nefi, profetizando ao povo do continente ocidental, predisse o batismo do Salvador e daí inferiu a necessidade do batismo como um requisito universal: "E, agora, se o Cordeiro de Deus, sendo santo, tem necessidade de ser batizado com água, para cumprir tôda a justiça, quanto mais necessidade não teremos nós, sendo pecadores, de ser batizados, sim, também com água!... Não sabeis, por acaso, que Ele era santo? Mas, embora sendo santo, mostra aos filhos dos homens que, segundo a carne, humilha-se ante o Pai, testificando-Lhe obediência na observância de Seus mandamentos (L. de M., 2 Nefi 31:5,7). Veja-se *Regras de Fé*, VI: 18-29.



O segrêdo do sucesso

Ponha as duas mãos no arado
e are profundamente.

NÃO JULGUEIS

por MILTON R. HUNTER,
do Primeiro Conselho dos Setenta

Em seu magistral Sermão da Montanha, Jesus apresentou um mandamento vital que tem sido ignorado quase universalmente pela família humana. Em muitos casos, quando não é ignorado, tem sido violado inúmeras vezes pela maioria das pessoas.

Eu creio que todos desejamos fazer o que é certo — viver próximo ao Senhor — portanto, desejaria agora dizer algumas palavras acêrca da observância desse mandamento.

“Não julgueis,” ordenou Jesus, “para que não sejais julgados.” E então pronunciou a seguinte severa advertência:

“Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos não de medir a vós.” (Mateus 7:1-2.)

Em toda uma vida de contatos com pessoas de inúmeras denominações religiosas, observei que, via de regra, a bisbilhotice agrada aos seres humanos. Gostamos de ouvir histórias pouco recomendáveis a respeito de nossos vizinhos e comentá-las com outros. Parece que freqüentemente auferimos uma certa satisfação e até mesmo alegria ao falar mal de alguém. Com desconsideração e até maliciosamente julgamo-nos uns aos outros. Nós censuramos nossos circunstantes, às vezes injustamente e, quase sempre, sem qualquer delicadeza; e na maioria das ocasiões falamos sem ter evidências sobre que nos basear. Parecemos nos esquecer que Tiago, o irmão do Senhor, advertiu-nos de que a língua desenfreada está “cheia de peçonha mortal.” (Tiago 3:8.)

Eu sei que algumas vezes até mesmo pessoas fiéis na Igreja aplicam julgamento e condenação sobre aqueles com os quais se associam, sem um próprio conhecimento dos fatos. Isto desagrada o Senhor.

Estou ciente de que muitas pessoas tiveram o coração magoado e derramaram lágrimas amargas devido a coisas desagradáveis e talvez falsas

que foram ditas a seu respeito, acarretando julgamento injusto por parte de outros.

Olhando de frente para os membros desta congregação, minha consciência me recorda, por certo, que eu próprio tenho errado algumas vezes. Houve ocasiões em que comentei e julguei a outros e, assim fazendo, agi iniquamente perante o Senhor. O coração me diz que devo me arrepender, sobrepujar essa fraqueza, e estou seguro de que todos estão-se sentindo da mesma forma.

Mas, haverá os que dirão: “O homem ou mulher de quem obtive esta informação é honesto e não mente.”

Certamente que pessoas honestas e honradas não faltariam com a verdade, mas, devemos nos recordar que eles terão obtido tal informação através de sentidos humanos e que estes nem sempre são cem por cento infalíveis; por exemplo: se um cidadão honesto estivesse parado em uma esquina e outro na esquina oposta e dois carros se chocassem na rua, o testemunho desses dois homens poderia diferir, e com razão. Eles viram o acidente de ângulos diversos, e talvez nenhum dos dois tenha visto com exatidão o fato.

Recentemente, uma das Autoridades Gerais disse que estava interessada em ouvir membros das presidências de estaca falarem na conferência de domingo acêrca dos assuntos que êle havia abordado na noite anterior. Mais tarde a Autoridade Geral declarou: “Freqüentemente não pude reconhecer o que havia falado nos assuntos que me atribuíam.”

E com certeza a Autoridade Geral não estava acusando as presidências das estacas de serem desonestas. Parece-me que êle não tinha isso em mente de forma alguma, contudo sua história ilustra a precariedade dos sentidos humanos.

Por vezes, sentamo-nos entre uma congregação como esta e ouvimos alguém falar. Entrementes, vamos ten-

do muitas idéias de nossa própria lavra. Com o passar do tempo, podemos confundir alguns pensamentos nossos com as palavras do orador. Devido à ineficiência dos sentidos humanos, Jesus Cristo disse: “pela bôca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada.” (Mat. 18:16.)

O Salvador e os santos profetas têm-nos ensinado a julgar, quando se faz mister essa atitude, porque muitas vezes é preciso que julguemos. Na verdade, muitos de vós — bispos, sumos conselheiros e presidentes de estaca — sois chamados para juízes. É sua responsabilidade eclesiástica julgar o rebanho. Mas, deixa-me dar-lhes a advertência de que com o mesmo juízo com que julgardes, sereis julgados também.

O Senhor e o Profeta Joseph Smith compreendiam a natureza humana, sabendo que podemos ser tentados a julgar injustamente, portanto, encontra-se o seguinte registrado em Doutrina e Convênios:

“Nós aprendemos por experiências dolorosas que é da natureza e disposição de quase todos os homens que tão depressa adquirem um pouco de autoridade, como supõem, logo começam a exercer injusto domínio...”

E então mais esta bela admoestação nos é feita:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

“Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliará a alma sem hipocrisia e sem dolo —” (D&C 121:39, 41-42.)

Visitando os rincões da Igreja, tenho observado os que foram chamados e designados para julgar, e é meu testemunho que eles têm sido guiados na maioria dos casos pelo puro amor de Jesus Cristo, pela caridade, e assim proporcionaram julgamento justo.

Como já mencionei, o Salvador e os profetas nos ensinaram o tratamento que deve haver entre nós. O Mestre nos deu a lei vital conhecida como o segundo mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

Se todos nós amássemos nosso próximo — as pessoas com quem nos associamos — como a nós mesmos, não tomaríamos atitudes desagradáveis para com ele. Não falaríamos palavras ferinas ou indelicadas a seu respeito nem repetiríamos bisbilhotices de baixa categoria, mostrando antes amor e compaixão em tôdas as oportunidades. Nós nos rejubilariamos com seu sucesso, chorando também com seus pezares. Sob tais condições, um espírito glorioso de amor prevaleceria.

O Senhor nos ensinou também a famosa Regra de Ouro: "...Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." (Mateus 7:12.)

Tôda a vez que ouvimos algo sobre alguém devemos parar e refletir antes de repeti-lo, tendo por regra: "Eu gostaria que alguém falasse isso de mim? Será justo? Será correto? Fará mais feliz a pessoa envolvida se eu o passar adiante? Aumentará a beleza e alegria de minha vida?" e se não corresponder ao ideal, então nosso julgamento não seria reto ao repetirmos o comentário. Em tais circunstâncias é melhor permanecer calado.

Paulo, o apóstolo dos gentios, escreveu um belo poema sobre a fé, a esperança e a caridade aos santos de Corinto. Disse êle, em palavras significativas e profundas:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

"E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e tôda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

E então Paulo encerra seu famoso poema dizendo:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade." (I Cor. 13:1-2, 13.)

A caridade é a maior de tôdas as virtudes cristãs. É, como disseram os profetas, o puro amor de Jesus Cristo. Êle encerra tôdas as virtudes que mencionei e ainda muitas outras virtudes cristãs. Em tôdas as nossas relações uns com os outros, nosso coração deverá transbordar de caridade.

Nosso Senhor Jesus Cristo não apenas ensinou que devemos amar nossos irmãos, mas ainda nos ordenou a que amássemos o inimigo. Devemos orar pelos que nos desprezam. Êle não apenas ensinou êsses princípios, mas viveu-os conforme ensinou, demarcando assim o caminho para nós.

Enquanto o Mestre jazia sobre a cruz, sofrendo a mais cruciante dor que se pode suportar e ouvindo as zombarias do populacho ao pé da cruz, seu coração se encheu de piedade deles. Com a plenitude da caridade e um grande amor no coração por aqueles que foram responsáveis por sua crucificação, ergueu os olhos aos céus e orou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

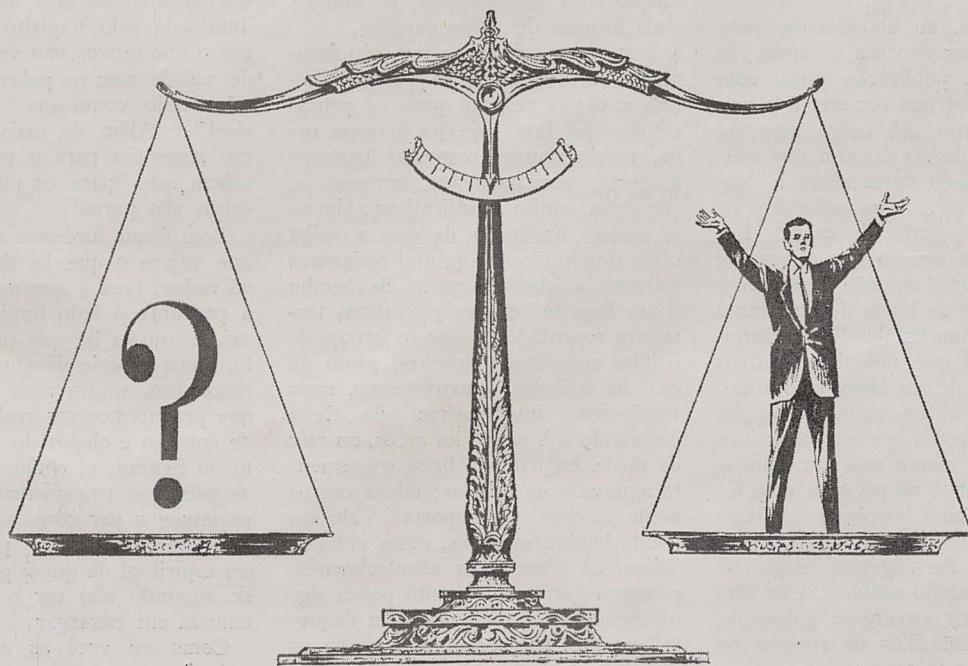
Em minha opinião, êste é o maior exemplo da história em amor puro, caridade imaculada e plenitude de compaixão pelos inimigos.

Miquéias, um dos grandes profetas do Velho Testamento, indicou-nos o caminho da vida, dizendo:

"Êle te declarou, ó homem, o que é bom; e que pede o Senhor de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (Miquéias 6:8.)

Em humildade eu rogo a nosso Pai dos Céus que derrame o espírito sobre os Santos dos Últimos Dias. Que Êle nos abençoe abundantemente para que sejamos cheios do espírito de caridade e amor pelos semelhantes. Que logremos sobrepujar nosso costume malévolo de julgar os demais e nos referir a êles em termos depreciativos.

Que o Senhor nos abençoe para vivermos como Êle deseja que vivamos sempre, eu oro humildemente em nome de Jesus. Amém.



Capela de Bambu

por Hêlio da Rocha Camargo

Comentando a fotografia da capa, o Presidente Beck usou de uma comparação que acabou se consagrando como um título: "Parece uma capela de bambu". E "capela de bambu" ficou sendo seu nome. Longos e graciosamente arqueados, os bambus, cruzando-se no alto, sôbre um trecho de rústica vereda, formavam, realmente, como que a nave de uma catedral gótica, onde o sol, atravessando os vitrais de folhagens e hastes, derramava-se em gotas luminosas pelo chão. Um lugar de calma e de repouso, convidando à meditação; uma verdadeira igreja construída pela Mãe Natureza.

Dias depois, ao assentar-me para escrever a respeito da "capela de bambu", para publicação junto com a fotografia, foi que comecei a considerar o assunto sob outro aspecto. Não deixava de ser curioso que estivessemos falando tanto sôbre a "capela de bambu". Que achariam os leitores da fotografia da capa? Parecer-lhes-ia o mesmo que a nós, ou ficariam intrigados, não compreendendo por que se havia de publicar a fotografia de um bambual? Lembrei-me então de que um dos recursos mais curiosos de que lança mão a moderna medicina, na tentativa de devassar os segredos ocultos na intimidade de uma mente enfeérra, consiste em entregar-se ao paciente uma fôlha de papel com borrões irregulares de tinta e pedir-lhe que fale dos pensamentos que lhe sugerem os grotescos desenhos assim obtidos. Uns vêm animais, outros enxergam paisagens, automóveis, utensílios de cozinha ou o perfil de algum amigo.

Qual o significado de tantas interpretações diferentes? Que se pode concluir daí? Certamente isso acontece porque os olhos são as janelas de onde a alma se debruça para a vida, e é indiscutível que vemos muito mais com a alma que com os olhos, de maneira que o mundo será sempre interpretado e entendido por nós em função dos sentimentos e desejos mais íntimos de nosso coração.

Por causa disso, estou absolutamente certo de que, se perguntássemos a várias pessoas quais os pensamentos que lhes sugerira a nossa capa, recolheríamos respostas bastante diversas, provávelmente curiosas e, por certo, muito significativas: alguns se teriam lembrado de que a velha cêrca dos fundos do quintal reclamava consêrto e algumas varas de bambu iriam bem nesse serviço; outros ter-se-iam recordado de que os brotos de bambu constituem delicioso prato da cozinha oriental; outros talvez, mais românticos, imaginariam sua eleita passeando sob os verdes arcos, ao cair da tarde, enquanto a brisa suavemente agitava seus cabelos; talvez outros ainda... mas que importa? Vale somente lembrarmos que, nesta vida, as coisas, os sêres e os acontecimentos possuem geralmente muito pouca significação em si mesmos, além daquela que lhes emprestamos segundo os impulsos de nossa alma.

Como tem você olhado para a vida? Que enxergam seus olhos quando observam as coisas ao redor? Sem dúvida a consciência limpa e a alma iluminada pelo Espírito de Deus verão o que outros não vêm. Viverão, de acôrdo com as palavras do Apóstolo Paulo, como que "vendo o invisível". Além do mais, não admitirão sugestões para o pecado, porque sabem que "para os puros, tôdas as coisas são puras".

Bom é que forcemos nossos olhos a que vejam o que há de bom e belo ao redor; bom é que nos obriguemos a procurar o lado luminoso das coisas, e muitos há que procuram fazê-lo, numa espécie de ginástica mental; entretanto, muito mais importante é que procuremos ser realmente limpos de coração e cheios do Espírito Santo do Senhor, e, então, eis que tôdas as coisas se transformam ao redor e passamos a ver como antes não víamos, libertos daquele penoso exercício espiritual de quem procura iludir-se, fingindo não ver o que os olhos teimam em enxergar.

Como vê você as coisas ao seu redor?

MESTRE

Tua túnica eólica me fala
dos caminhos do mundo e tem a côr
dos musgos e cascalhos que beijou.

Passa. E eu sinto o perfume das savanas,
o silvestre perfume do que é bom
e simples. Roça meus passos. Leva os fiapos

das dúvidas nas dobras. Deixa restos
branquíssimos dos píncaros e estalos
longínquos de geleiras. Deixa o vinco
das fontes a correr e o marulhar
das fôlhas mortas, dispersadas. Deixa
a voz igualitária dos anseios

comuns da humanidade e os arco-iris
de todos os recantos percorridos,
desde as florestas virgens da Sibéria

às vastidões desérticas dos pólos...
Tua túnica, Mestre, impregnada
das estradas do mundo, ao perpassar

apaga os velhos marcos de fronteiras
e risca em traços fortes, incisivos,
os hífenes do Amor Universal!

Jane Arduino Perticarati
("O Tanque de Betesda")



AVIÃO

JATOS

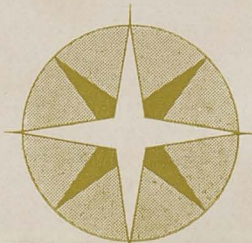
SERVINDO AS
AMÉRICAS



SERVIÇOS INTERNACIONAIS

NOVA YORK
MIAMI
LOS ANGELES
BUENOS AIRES
MONTEVIDÉO
CARACAS
LIMA
BOGOTÁ
PANAMÁ
MÉXICO
SANTO DOMINGO
ASUNCIÓN

VARIG



14 JUN 1965